

André Trindade

Gestos de cuidado, gestos de amor

2ª edição



Orientações sobre o desenvolvimento do bebê

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trindade, André
Gestos de cuidado, gestos de amor: orientações sobre o desenvolvimento do bebê / André Trindade. São Paulo : Summus, 2007.

Bibliografia
ISBN 978-85-323-0378-3

1. Bebês 2. Crianças – Desenvolvimento 3. Psicologia infantil
I. Título.

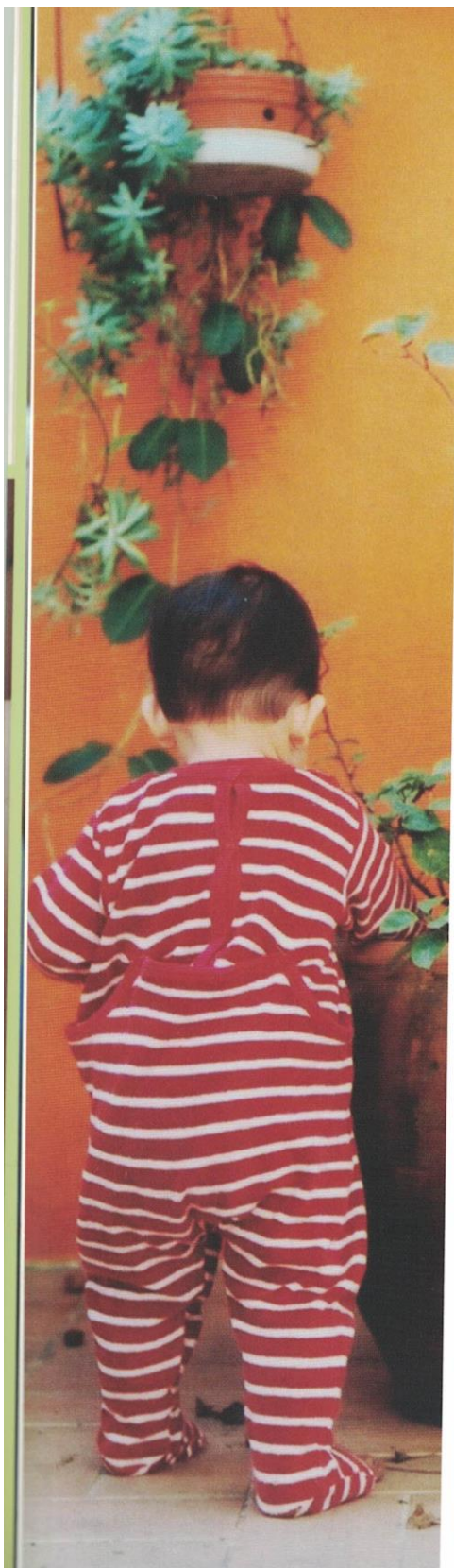
07-7216

Índices para catálogo sistemático:

1. Comportamento infantil: Psicologia 155.4
2. Crianças até 5 anos: Desenvolvimento: Psicologia infantil 155.4
3. Psicologia infantil 155.4



Compre em lugar de fotocopiar.
Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores
e os convida a produzir mais sobre o tema;
incentiva seus editores a encomendar, traduzir e publicar
outras obras sobre o assunto;
e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros
para a sua informação e o seu entretenimento.
Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro
financia o crime
e ajuda a matar a produção intelectual de seu país.



GESTOS DE CUIDADO, GESTOS DE AMOR
Copyright © 2007 by André Trindade
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistentes editoriais: **Bibiana Leme e Martha Lopes**
Capa e projeto gráfico: **Alberto Mateus**
Edição de arte e diagramação: **Crayon Editorial**
Fotografias: **Lucia Mindlin Loeb**
Ilustrações: **Alexandre Jubran e Godelieve Denys-Struyf**
Assistente de pesquisa: **Christina Ribeiro**
Assistente de produção: **Raquel Miriane Ferreira**

Summus Editorial

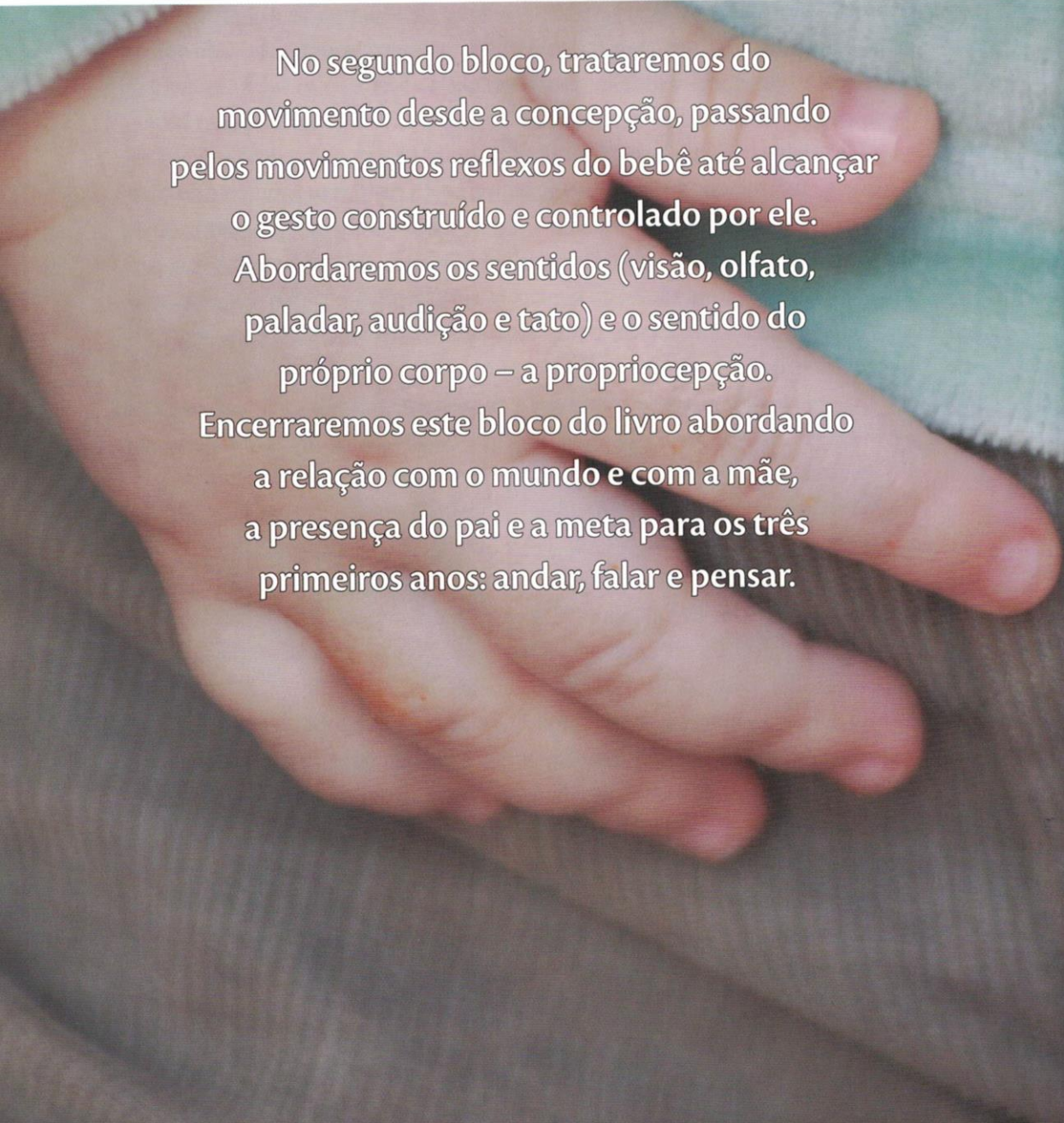
Departamento editorial:
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor:
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br
Impresso no Brasil



II • O MOVIMENTO



No segundo bloco, trataremos do movimento desde a concepção, passando pelos movimentos reflexos do bebê até alcançar o gesto construído e controlado por ele. Abordaremos os sentidos (visão, olfato, paladar, audição e tato) e o sentido do próprio corpo – a propriocepção. Encerraremos este bloco do livro abordando a relação com o mundo e com a mãe, a presença do pai e a meta para os três primeiros anos: andar, falar e pensar.

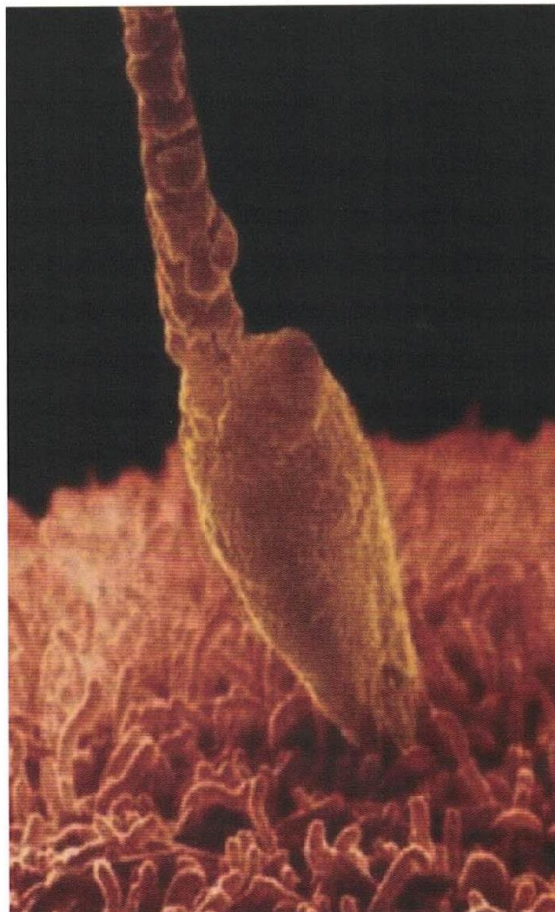
O PAPEL DO MOVIMENTO

A PARTIR DO MOMENTO em que o óvulo é fecundado, inicia-se o processo de evolução que dará origem a uma nova vida. As células multiplicam-se e migram de um lugar para outro, formando os diferentes tecidos. Estes se dobram uns sobre os outros e dispõem-se de forma precisa, constituindo o embrião, cujo coração pulsa cerca de um mês após a concepção. Movimento, ritmo e pulsação estão envolvidos nesse processo.

Desde muito cedo, a pulsação pode ser considerada uma forma primitiva da consciência de que estamos vivos. Tal consciência, presente ao longo de nossa existência, vai se modificar e ampliar, acompanhando todas as etapas de transformações previstas no desenvolvimento da vida humana.

Vida intra-uterina, nascimento, infância, adolescência, vida adulta e velhice. Em cada uma dessas etapas, sentimos a vida pulsando, o corpo em movimento e, a cada nova experiência, a possibilidade de ampliar a consciência de nós mesmos.

Na natureza, a capacidade de movimento, chamada de motricidade, está presente nos animais como forma de sobrevivência. Os animais movem-se em busca de alimentação e reprodução; seus movimentos fazem parte do conjun-



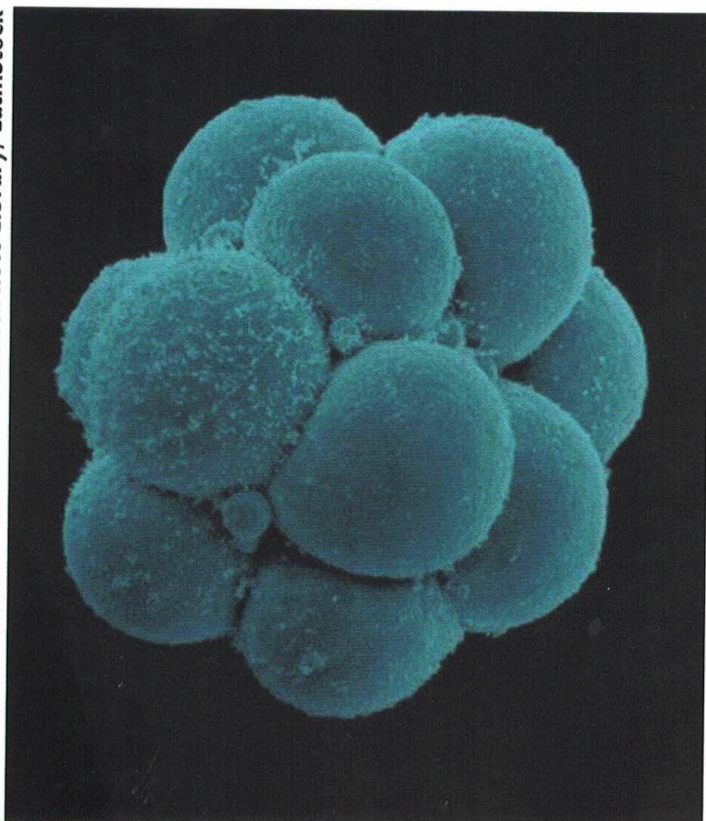
Phototake/LatinStock

Óvulo sendo fecundado por espermatozóide.

to de respostas instintivas próprias a cada espécie. A maior parte do comportamento animal está programada geneticamente e permite poucas escolhas individuais. Diante da caça em movimento, o felino caçador responde com velocidade em uma ação de ataque e perseguição de sua presa. Não lhe resta outra opção.

O movimento humano é diferente. Ele se caracteriza pela qualidade expressiva e individual – é o que chamamos de gesto. Nossos gestos respondem a nossas necessidades e desejos e, em algum nível, podem ser comparados aos dos animais: também nos movimentamos em busca de sobrevivência, alimentação e reprodução. Porém, o movimento humano é capaz de, ao mesmo tempo, construir pensamentos, idéias e fazer escolhas pessoais. A capacidade de escolher é característica própria de nossa espécie. Como vimos no capítulo anterior, o cérebro humano se programa com base nas experiências às quais vai se submeter em seus contatos com o mundo. Vimos como o bebê cria caminhos neurais e constrói sinapses em seus primeiros anos de vida. Para outros primatas, seus “bebês” já nascem com caminhos inscritos no cérebro, parecendo indicar que suas respostas já estão programadas naquilo que chamamos de comportamento instintivo.

Science Photo Library/ LatinStock



Embrião humano em fase de divisão celular.

O homem constrói-se ao mesmo tempo que seus gestos, e, à medida que age, se expressa e toma consciência de si.

A cada ação, podemos observar quem somos, onde estamos e o que queremos.

“Sou eu quem está, neste exato momento, abrindo esta porta e partindo em busca de algo que desejo”, constata o adulto.

Essas ações podem parecer sem importância e permanecer inconscientes para o adulto. No entanto, para a criança, as informações obtidas pelo corpo em movimento são de máxima importância na construção de sua individualidade.

A SENSACÃO DO PRÓPRIO CORPO

A PROPRIOCEPÇÃO É O SENTIDO que nos informa sobre as mudanças de posição do corpo. Foi descrita por Sherrington (1857-1952), na década de 1890, como um sexto sentido somado aos outros cinco conhecidos: a visão, o olfato, o tato, o paladar e a audição.

Pode ser considerada um “sentido secreto” por nos informar o que se passa no interior do corpo. Receptores nervosos situados junto dos músculos, dos tendões e das articulações captam sensações profundas produzidas por mínimos movimentos. Assim podemos ter consciência de todas as regiões do corpo a todo momento e graças a essa sensibilidade somos capazes de ajustar continuamente nossa postura e elaborar gestos precisos.

A propriocepção é altamente desenvolvida nos esportistas, acrobatas, bailarinos, mímicos e todas aquelas pessoas que sabem usar o corpo com precisão e consciência. Trata-se de um instrumento de grande valor na vida do bebê, pois lhe permite reconhecer e controlar seus próprios movimentos.

Vejamos como isso se dá...

OS PRIMEIROS MOVIMENTOS NO ÚTERO

A PARTIR DA OITAVA SEMANA DE GESTAÇÃO, o feto é capaz de mover seu tronco. A coluna vertebral realiza alternadamente movimentos de flexão e extensão (formas primitivas do enrolamento–endireitamento que observaremos adiante).

Desde a nona semana de gestação, os braços e as pernas são capazes de movimentos independentes do tronco.

Ao final da 15ª semana, o feto já pode realizar todos os movimentos observados no recém-nascido.

Esses movimentos, descritos com base na observação da vida fetal por meio da ressonância magnética e da ultra-sonografia, fazem parte do que chamamos de **movimentos reflexos arcaicos**. São movimentos involuntários, que acontecem sem que se tenha nenhum controle sobre eles.

O feto percebe o deslocamento de seu corpo no espaço uterino por meio de fortes contrações musculares e sensações articulares cada vez que o reflexo se produz: “**Algo se move!**” O reflexo pode ser iniciado por algum estímulo sonoro ou luminoso, bem como por alterações químicas no corpo da mãe. No início, o feto tende a se distanciar de qualquer objeto que toca seu corpo; depois, tende a se aproximar.

A percepção do movimento está também ligada ao tato. A partir da 16ª semana de gestação, o tato, presente em toda a superfície do corpo do feto, permite a percepção de movimentos globais, pela sensação dos deslocamentos da pele em relação ao líquido amniótico. As sensações articulares e musculares vão somar-se às da pele, construindo a noção de movimento.

Gostaria de fazer algumas considerações sobre a pele. Ligar a percepção do movimento às sensações da pele não parece algo evidente para todas as pessoas. A pele participa das percepções sobre mudanças de posição do corpo no espaço. É um órgão muito importante no desenvolvimento humano, pois permite perceber limites e contornos do corpo, colaborando profunda-

mente na construção da consciência de si. Tanto o feto quanto os bebês se tocam o tempo todo. O feto toca as paredes do útero, e os limites do útero também servirão de referência para seus movimentos.

O tato surge entre a sexta e a oitava semanas de gestação. Primeiramente, na região em torno da boca; em seguida, ganhando a palma das mãos e a parte superior do tronco.

Podemos observar a relação entre a mão e o rosto desde muito cedo. A partir da 13^a semana, quando começam os movimentos de sucção, o feto leva a mão à boca, chegando a sugar o próprio dedo. Mãos, rosto e olhar estarão relacionados em quase todas as atividades humanas: “É com as mãos, assim como com a palavra, o olhar e a mímica, que o homem exprime mais exatamente seu pensamento” (Béziers; Hunsinger, 1994).

Nos próximos capítulos, indicaremos como nós adultos podemos ajudar nosso bebê organizando, sempre que possível, suas mãos em frente de seu olhar.

Os movimentos do feto serão sentidos pela mãe entre a 16^a e a 21^a semanas de gestação, muitas vezes fortalecendo a comunicação e o vínculo entre os dois.

Entre a 18^a e a 20^a semanas, o sistema vestibular, responsável pelo equilíbrio, permitirá adaptações posturais do feto em relação às mudanças de posição do corpo da mãe. A partir daí, a atividade motora cresce até a 32^a semana, quando o feto parece “exercitar-se” em diversos movimentos, como os de sucção e os de ativação dos músculos respiratórios. Em seguida, há uma diminuição dessa atividade até o nascimento.

Muitos autores relacionam os movimentos reflexos a estruturas arcaicas de sobrevivência. Podemos considerá-los movimentos instintivos humanos, de reação a perigos e de proteção à vida. Os “exercícios” de sucção e de preparação para a respiração, experimentados pelo feto no útero, vão servir-lhe enormemente para a manutenção da vida após o nascimento.

DEBAIXO D'ÁGUA (Arnaldo Antunes – 2001)

Debaixo d'água tudo era
mais bonito
mais azul mais colorido
só faltava respirar

Mas tinha que respirar

Debaixo d'água
se formando
como um feto
sereno confortável
amado completo
sem chão sem teto
sem contato com o ar

Mas tinha que respirar

Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia

Debaixo d'água por encanto
sem sorriso e sem pranto
sem lamento e sem saber
o quanto esse momento
poderia durar

Mas tinha que respirar

Debaixo d'água ficaria
para sempre
ficaria contente
longe de toda gente
para sempre
no fundo do mar

Mas tinha que respirar

Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia

Debaixo d'água
protegido salvo
fora do perigo aliviado
sem perdão e sem pecado
sem fome sem frio
sem medo
sem vontade de voltar

Mas tinha que respirar

Debaixo d'água tudo era
mais bonito
mais azul mais colorido
só faltava respirar

Mas tinha que respirar

Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia

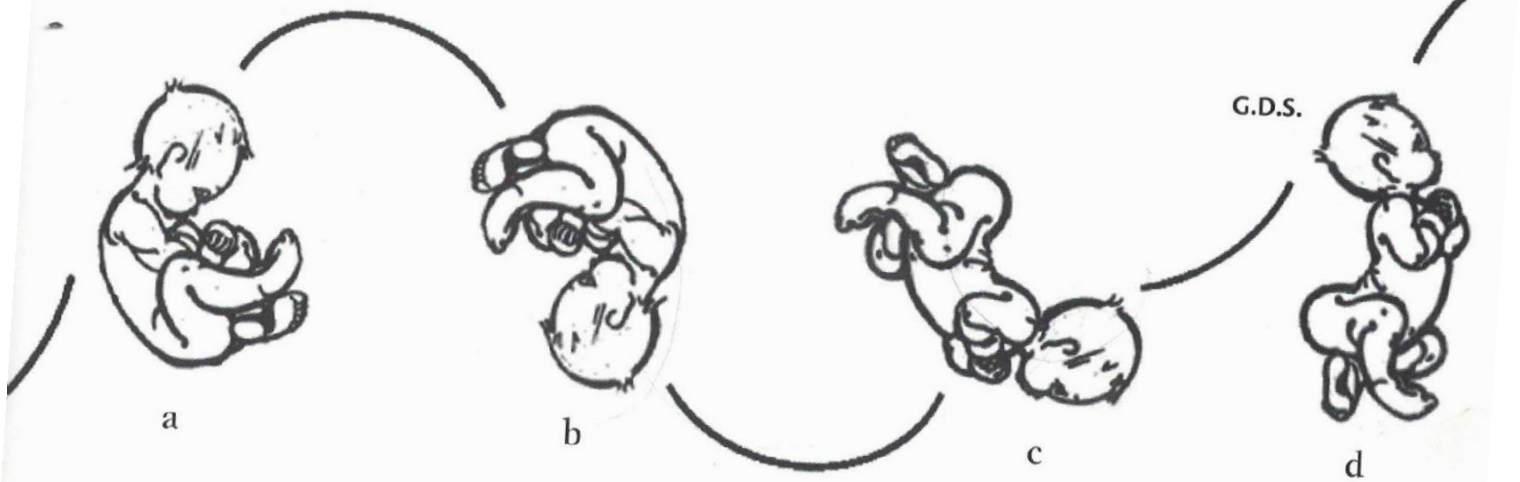
Mas tinha que respirar

Debaixo d'água tudo era
mais bonito
mais azul mais colorido
só faltava respirar

Mas tinha que respirar

Todo dia
Todo dia, todo dia
Todo dia

O MOVIMENTO DO NASCIMENTO



A EXPERIÊNCIA DO NASCIMENTO representa uma das transições mais radicais de nossa vida.

“**Dar à luz**” significa literalmente fazer emergir, lançar para fora, trazer para o mundo. Sair de um espaço interior, onde o corpo do bebê encontra-se enrolado sobre seu próprio centro, imerso em um ambiente líquido, quente, protegido, contido pelo corpo da mãe, e partir para o desconhecido.

É preciso muita coragem para nascer! Tanto do ponto de vista da mãe, que deve abrir mão dessa presença de vida no interior de seu corpo, quanto para o bebê, que vai deixar esse ambiente nutritivo e enfrentar a inevitável solidão do ser.

Para tanto, é preciso trabalho. E é com o trabalho dos corpos da mãe e do bebê que essa ação se realiza.

No corpo da mãe, iniciam-se as contrações uterinas, que permitem a dilatação da abertura do útero e do canal vaginal. Essas contrações podem durar algumas horas, ou vários dias; ao mesmo tempo, as articulações que ligam os três ossos da bacia flexibilizam-se a fim de possibilitar a passagem do bebê.

É muito importante que as mulheres grávidas, no processo de preparação para dar à luz, possam visualizar seus ossos da bacia e a abertura entre as

articulações. Essa mentalização pode colaborar com o bom andamento do parto. Além disso, trata-se de uma oportunidade de vivenciar a estrutura da bacia de forma concreta. Após o parto, é interessante visualizar os três ossos reunidos novamente, em sua unidade. A bacia é responsável em grande parte por nosso equilíbrio postural. É comum o relato da mãe sobre desconfortos e dores nessa região nos meses que se seguem ao parto. Temos de lembrar que essa mãe carregará seu bebê nos próximos meses, e que ele aumentará seu peso consideravelmente nesse período. Para carregar um bebê, não devemos contar apenas com a força dos braços; é necessária uma sólida bacia, capaz de transmitir o peso da parte superior do corpo para as pernas e finalmente para o chão.

Retomando o trabalho do parto, agora do ponto de vista do bebê, podemos acompanhar seu movimento pelos desenhos da página anterior. Partindo da figura **a**, o bebê mantém a posição fetal, flectido sobre o próprio centro, e se posiciona com a cabeça voltada para a direção do canal vaginal, como na figura **b**.

Ao receber as fortes contrações que o expulsam do útero, o bebê inverte a posição de enrolamento anterior e precisa abrir seu corpo, desenrolando-se completamente, passando para uma posição de extensão (figura **c**, figura **d**). Nesse percurso, o corpo do bebê faz, ao mesmo tempo, um movimento em espiral, efetuando uma rotação. **O movimento em espiral facilita a progressão nessa passagem estreita e difícil.**



Os ossos da bacia.



G.D.S.
Movimento de expansão e abertura.
Voltado para fora, apoiado na ação dos músculos posteriores das costas.



G.D.S.
Movimento de recolhimento.
Voltado para o próprio centro, apoiado na ação dos músculos anteriores que recobrem a parte da frente do tronco.

Essa é uma forma esquemática de descrever a movimentação que ocorre com o corpo do bebê durante o nascimento. Acredito que se trate de uma boa imagem a ser utilizada pela mãe na preparação para o parto: visualizar seu bebê posicionando-se com a cabeça voltada para baixo e, em seguida, imaginar seu corpinho partindo da posição de enrolamento, abrindo-se em um movimento de extensão para fora.

Após o nascimento e o grande esforço do trabalho de parto, há um estado de relaxamento para a mãe e o bebê. Ele retorna espontaneamente (possivelmente de forma reflexa) à posição de flexão e enrolamento.

Neste momento do livro, quero chamar a atenção do leitor para a alternância de posturas corporais de abertura e recolhimento vivida pelo bebê. Tais posturas farão parte de seu repertório de movimentos e representarão para ele atitudes e comportamentos: **ir para fora, conhecer o mundo movido pela curiosidade em relação ao desconhecido e, em seguida, poder voltar para si, para o próprio centro, recolhido no seio de sua comunidade, da família, no colo do adulto ou em seu berço, nutrindo-se e preparando-se**

para novos movimentos. Expansão e recolhimento se sucedem, como nos movimentos das ondas do mar.

Esta é uma das funções deste livro: encontrar soluções criativas para podermos viver a alternância de forma plena.

É claro que nem sempre as coisas acontecem da forma esperada, a começar pelo parto normal, que nem sempre é possível. As mães que têm filhos de cesariana devem estar se perguntando o que acontece com seus bebês, que não viveram a experiência descrita anteriormente.

Nascer é um grande acontecimento e uma forte transição, tanto pelo parto normal quanto pela cesariana. É um impacto de qualquer forma. Talvez o bebê do segundo caso, que não viveu o esforço para nascer, precise de nossa ajuda para reintegrar-se ao movimento cíclico da onda de expansão–recolhimento. Falarei mais adiante sobre a importância das massagens na pele desses bebês – que são válidas para todos. Mas podemos ajudá-los desde já.

Muitos bebês preparam-se para a posição de saída, estendem o corpo e, antes de efetivamente saírem, acabam retirados na cesariana, seja por falta de dilatação, por falta de tempo no que se refere à oxigenação, ou ainda por outras impossibilidades.

Comparo essa situação à de um atleta que prepara seu corpo durante meses para uma competição, chega à pista no dia da prova, coloca-se em posição, ouve o sinal da largada e, em vez de correr, volta para casa sem gastar a energia muscular na disputa para a qual se preparou tanto.

Difícilmente esse atleta conseguirá relaxar o corpo da mesma forma que o faria se tivesse cumprido sua meta.


Com o bebê se passa mais ou menos a mesma coisa. Ele pode fixar-se na posição de expansão e extensão e ter dificuldade em reagrupar-se no enrolamento.

Gestos de cuidado, gestos de amor

Se isso acontecer, podemos ajudá-lo reagrupando seu corpo e apoiando levemente nossa mão no alto de sua cabeça. Não devemos pressioná-la; normalmente, esse leve apoio estimula a ação de empurrar a cabeça contra a mão (ação para a qual ele se preparou). Outra opção é manter ao mesmo tempo um apoio sob seus pés, para que ele possa responder empurrando as pernas. É importante nesse momento não deixar que o corpo dele entre em extensão.

Repetiremos essa ação enquanto o bebê responder empurrando. Alguns bebês, mesmo tendo nascido de cesariana, não precisarão desse tipo de estímulo.

Certa vez, conversando sobre isso com uma mãe, ela me disse: “Agora eu entendo por que, desde muito cedo, minha filha, quando colocada no berço, arrastava-se até conseguir encostar a cabeça contra a almofada. Só assim ela dormia”.



O adulto posiciona o bebê agrupado e apóia levemente a mão sobre sua cabeça e, ao mesmo tempo, sob seus pés e bacia. O calor das mãos e a sensação de acolhimento permitem ao bebê sentir conforto e relaxamento.

QUANDO O BEBÊ COMEÇA A CONTROLAR OS PRÓPRIOS MOVIMENTOS



Um recém-nascido de três semanas se espreguiça.

OS MOVIMENTOS REFLEXOS permanecerão na vida do bebê em seus primeiros meses e desaparecerão pouco a pouco, sendo substituídos por movimentos voluntários.

Com um estímulo preciso, a resposta produzida pelo movimento reflexo será sempre a mesma. É como no clássico teste de reflexo do joelho realizado com um pequeno martelo: a resposta saudável será sempre um “chute”!

Para a mãe ou o cuidador, não será necessário testar nem mesmo identificar cada um desses reflexos em seu bebê. Isso ficará a cargo do pediatra.

O que nos interessa é demonstrar de que maneira o bebê percebe seus movimentos e como ele será capaz de transformá-los, partindo de respostas involuntárias e iguais para todos os bebês, até chegar ao controle de seus movimentos, gerando respostas individuais e escolhas pessoais.

É a passagem do “**Algo se move em mim**” para “**Eu sou capaz de mover-me**”; da sensação primitiva do movimento a seu conhecimento e controle (Sheets-Johnstone, 1999, *apud* Haselager e Gonzáles, 2003).

E quanta alegria o bebê sente ao conquistar, controlar e apropriar-se de cada movimento de seu corpo!

O reflexo de sugar pode nos servir como exemplo.

Sempre que um objeto é colocado em contato com a região das bochechas e em torno da boca, o bebê gira a cabeça nessa direção e começa a sugar. Como eu disse anteriormente, a prática desse movimento iniciou-se dentro do útero, provavelmente de forma reflexa, quando o feto fazia seus “exercícios preparatórios” para o mamar. Mas é a partir das inúmeras experiências de sugar, em sua maioria durante a mamada, no bico do seio ou na mamadeira, como também sugando a própria mão, os dedos, a fralda e tudo que passar por perto de sua boca, que o bebê vai, pouco a pouco, poder controlar tal movimento.

Todos esses acontecimentos são registrados no cérebro e reforçados pela repetição. O bebê reconhecerá, pelas sensações repetidas, a ação dos músculos e das articulações envolvidas no movimento, e procurará repro-

duzir essas sensações em outras situações. Ele também vai observar o efeito causado pelo movimento. Se o objeto alcançado for o bico do seio, ele poderá registrar o prazer de alimentar-se. Se for sua mão, poderá encontrar interesse em sugar; porém, se se trata de algo amargo ou áspero, ele procurará evitá-lo. O bebê repetirá as ações capazes de lhe trazer prazer, segurança e bem-estar. “Ele vai buscar reproduzir as mesmas sensações e, ao final de milhares de tentativas, vai encontrar a sensação provocada pelo reflexo. É desta forma que se constrói o movimento voluntário” (Piret; Béziers, 1971).

Agora começamos a entender a enorme atividade cerebral do bebê descrita no primeiro capítulo. Sua atenção está voltada para todos os movimentos do corpo a fim de poder entendê-los e coordená-los em gestos.

Se nós adultos temos dificuldades em aprender a dirigir um automóvel, imaginem a complexidade da tarefa de aprender a dirigir o corpo humano. Pois o bebê o faz com graça e prazer!

AS PRIMEIRAS ESCOLHAS

PODERÍAMOS PROVAVELMENTE afirmar que experimentações e repetições em busca de controle representam a primeira forma de brincar. Brincar é a maneira que a criança tem de aprender.

No mamar, por exemplo, à medida que o bebê passa a ter controle da sucção, começam suas brincadeiras: ele experimenta pausas, suga forte, brinca com o bico do seio etc. Grande parte da literatura especializada e das indicações de pediatras afirma que não se deve deixar a criança brincar durante a mamada. Isso se deve possivelmente à necessidade de priorizar a função básica do mamar: a alimentação. Não podemos correr o risco de que os pequenos não estejam bem alimentados. Outro aspecto ligado a essa indicação diz respeito à organização do tempo da mãe. Em nossa vida contemporânea, dispo-

mos de menos tempo e precisamos otimizá-lo. É claro que, se o bebê estivesse com a mãe todo o tempo, como acontece em muitas culturas nas quais as mães amarram seus bebês junto do próprio corpo, eles poderiam alternar a brincadeira e a mamada sem risco.

Quero chamar a atenção para o fato de que não há nada de errado em brincar. Mais tarde, a criança vai explorar e manipular os alimentos sólidos, descobrindo sabores, cores e consistências. O aspecto lúdico da alimentação deve estar presente nessa exploração. Os “bons modos à mesa” deverão ser ensinados em um segundo momento.

Teremos um capítulo sobre o mamar e a alimentação, mas desde já resalto a importância da brincadeira e do jogo na formação da personalidade da criança e do futuro adulto. Será que nós adultos precisamos ter o controle da situação o tempo inteiro, indicando à criança o que ela tem de fazer? Será que ela deve ser sempre obediente e apenas mamar na hora de mamar, dormir na hora de dormir e assim por diante? Ou será que podemos dar a ela a chance de, vez ou outra (quem sabe muitas vezes), brincar durante essas atividades?

Acredito que os pais, ao perceberem que as escolhas começam a acontecer desde tão cedo, a partir dos primeiros dias de vida do recém-nascido, possam se sensibilizar para o rico universo interior de seus filhos e não inibir seus primeiros atos de vontade, suas primeiras “decisões”.

A NOÇÃO DE PERMANÊNCIA

“AS COISAS MUDAM, algumas se repetem, mas eu continuo sendo o nenê da minha mãe!”

Outro aspecto que o bebê vive com a repetição involuntária dos movimentos reflexos é a possibilidade de identificar diferenças entre as situações e de perceber a si mesmo como algo que permanece.



O reflexo de agarrar pode nos servir para ilustrar essa idéia. Também chamado de *grasping*, ele acontece toda vez que algum objeto toca a palma da mão do bebê. A resposta será a de fechar a mão e agarrar o objeto. No entanto, cada vez que a mão se fecha, encontra um objeto diferente que lhe trará emoções diferentes.

“A criança vai diferenciar as sensações da mão, se esta se fecha sobre o seio enquanto ela mama, sobre o dedo de seu pai que lhe dirige a palavra, sobre o chocalho que produz sons ou sobre os lençóis de sua cama no escuro da noite” (Piret; Béziers, 1971).

Aqui, mais uma vez podemos entender o movimento como formador de uma nova camada da consciência de si: **“Eu sou aquele capaz de relacionar diferentes situações e emoções, relacionar a experiência passada à atual e permanecer eu mesmo”**.

Conforme descreve o médico norte-americano Israel Rosenfield (1994), à medida que o cérebro se tornar capaz de organizar os estímulos a que o bebê é submetido em seus primeiros contatos com o mundo, criará padrões de referência para que novos estímulos sejam compreendidos em relação àqueles que já estão organizados. No caso da mão que se fecha, ela encontrará um objeto diferente a cada nova situação. Para tanto, será necessária uma adaptação ao objeto. Será preciso escolher a força muscular, controlar a abertura da mão, o posicionamento articular, bem como o estado emocional que a situação demanda.

O bebê vai então se utilizar das experiências anteriores já organizadas e impressas no cérebro para adaptá-las à nova situação.

A relação entre o novo e o velho produz indícios de **continuidade** e noções de **coerência** da consciência, como nos informa Israel Rosenfield.

OS SENTIDOS

PARCE CLARO QUE A MOTRICIDADE está na base do desenvolvimento infantil e é um dos fatores importantes na formação da personalidade da criança. Até este momento, o enfoque deste livro tinha sido o de ajudar o leitor a atribuir novos significados ao corpo da criança e aos gestos infantis. A partir das próximas páginas, o adulto terá a possibilidade de transformar seus próprios gestos em relação à criança.

O corpo se constrói junto com a personalidade. Nossos sentidos participam dessa construção.

Aos cinco sentidos conhecidos (visão, audição, tato, olfato e paladar) foi acrescentado um sexto, a propriocepção, ou seja, a sensação do próprio corpo em movimento. Hoje, encontramos uma quantidade enorme de estudos sobre os sentidos humanos e sobre como eles se desenvolvem em uma complexidade de relações entre si. Dificilmente conseguimos isolá-los; ao contrário, cada sentido, ao ser despertado, estimula imediatamente outro. A integração dos diferentes sentidos é o que nos dá a noção de unidade.

TATO E VISÃO

TATO E VISÃO, no início do desenvolvimento, são sensações complementares e dependentes. A criança precisa tocar o objeto que vê a fim de poder compreender o que ela enxerga. Ao tocar, poderá dar significado às imagens captadas pelos olhos. Noções de profundidade, forma e textura constroem-se simultaneamente à imagem. Só muito mais tarde, a experiência visual poderá ser desconectada da experiência tátil.

É com grande esforço que a criança maior controlará seu impulso de tocar sempre que o adulto lhe indicar: “Olhe com os olhos, não com as mãos!”

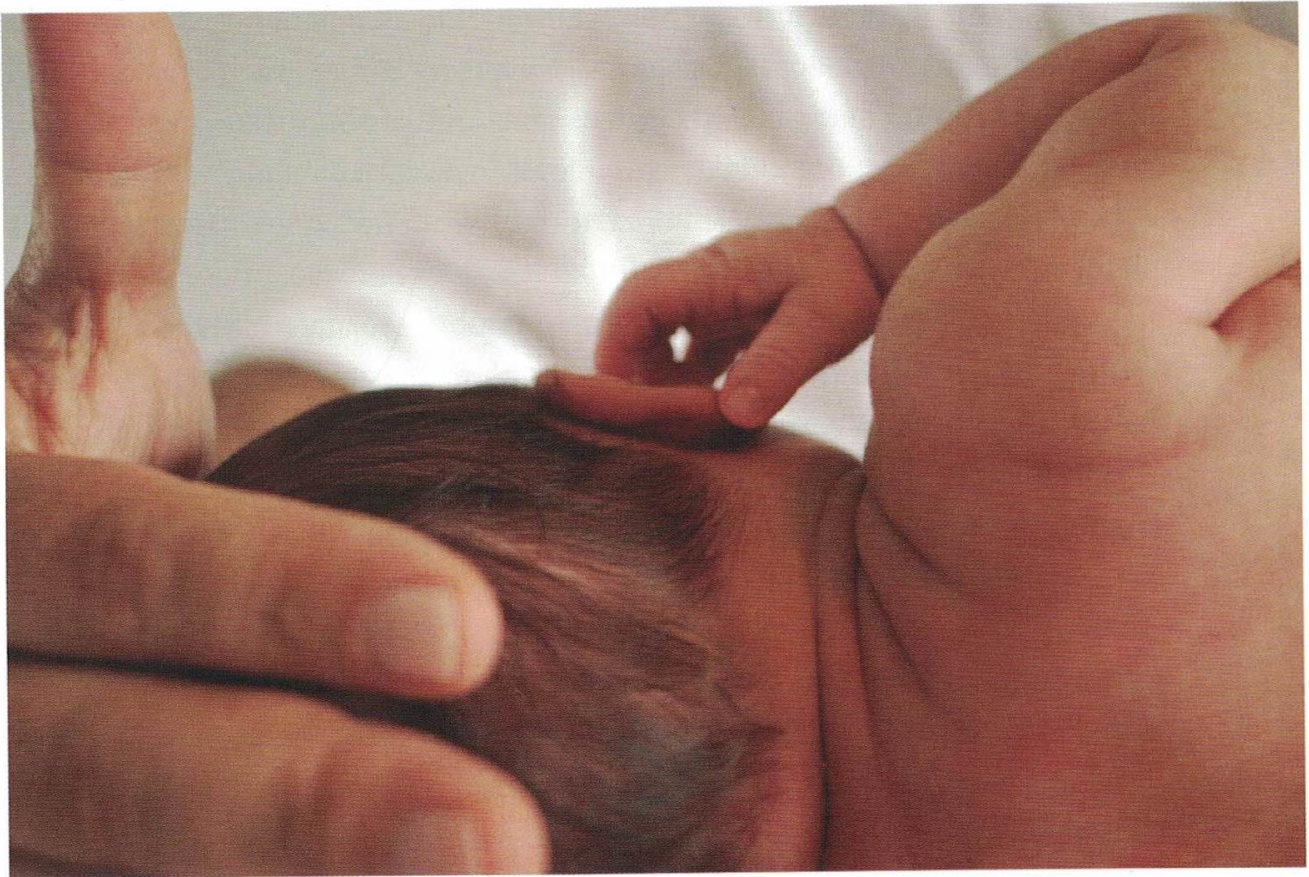
Isso quando não acontece de a criança ter de manter as mãos para trás como regra de disciplina. Acredito que hoje em dia não se peça mais isso aos pequenos.

Conforme mencionado anteriormente, o tato participa da percepção do deslocamento do corpo no espaço. A cada nova posição, registramos no cérebro diferentes sensações da pele. Integramos essas sensações àquelas que vêm das profundezas dos músculos, das articulações e dos órgãos de equilíbrio (sistema vestibular) também. Todas essas sensações serão associadas às imagens captadas pela visão e às informações sonoras captadas pela audição.

À medida que andamos, por exemplo, podemos ver nosso gesto, regular nosso equilíbrio, observar as mudanças na paisagem, examinar nosso deslocamento e confrontar essas informações com as sensações correspondentes na pele, nas articulações e nos músculos. Tudo isso compõe uma unidade que é integrada pelo cérebro. A percepção dessa complexidade é global: “Eu ando”.

Isso serve para todos os gestos: esticar o braço, agarrar, puxar, levantar, sentar, correr etc., tudo será registrado de maneira complexa e percebido por nós como gestos integrados.

AUDIÇÃO



AS SENSações AUDITIVAS também permitirão ao bebê perceber-se e diferenciar-se do mundo. Saído do ambiente uterino, rico em estímulos sonoros – com todos os barulhos do corpo da mãe e os captados do lado de fora e filtrados pelo líquido amniótico –, o recém-nascido vai conhecer o mundo a seu redor por intermédio dos sons.

É evidente que seu som preferido é a voz da mãe. Conforme ele escuta esse som sublime para seus ouvidos, o cérebro registra emoções e, ao mesmo tempo, toda a excitação é expressa na agitação de seu corpo. A isso se somam os sons que ele mesmo é capaz de produzir: a risada, os gritos, os ronronares.

Devemos falar sempre com o bebê. Contar a ele o que vai acontecer em sua rotina durante a troca, por exemplo. Ele associará o fluxo da voz ao calor das mãos cuidadosas. Devemos conversar também na língua do bebê, a prosódia ou o “manhês”. Repetir os sons que ele sabe fazer, entoar canções de ninar, bem como falar com ele utilizando palavras corretas da fala adulta. Nesses momentos de seriedade, o pequeno parece prestar grande atenção.

Penso que os momentos de silêncio também sejam necessários. Muitas vezes, a intensidade do olhar e o calor do toque sustentam a relação entre o adulto e a criança. A entrega a esses momentos silenciosos pode conduzir mãe e bebê a um relaxamento capaz de envolvê-los em profunda conexão. Não devemos então desviar essa atenção falando sem parar.

A audição permite que o bebê represente o mundo: o som que aconteceu perto, o som que está longe, o som conhecido, o divertido, o que assusta, o que acalma, o do banho etc.

Esse sentido é capaz de representar toda uma situação e evocar memórias sensoriais. Ao ouvirmos o som de determinada cena conhecida, podemos reconstituí-la mentalmente em cheiros, sabores, imagens visuais, imagens de movimento e emoções. Isso quer dizer que já há uma representação mental das sensações.

Toda vez que uma sensação alcança o nível de representação mental, chamamo-na de percepção.

Percepção é a sensação inscrita na mente que pode ser reproduzida pelo pensamento.

À medida que o bebê experimenta sensações, vai construindo a memória de suas vivências e, conseqüentemente, seu pensamento. Os sentidos também construirão a noção de limites entre o que acontece dentro e fora do corpo. A percepção é simultânea.

TATO

PARECE EVIDENTE QUE O TATO exerça um papel fundamental na construção dos limites e do contorno do corpo, pelo contato da pele com o mundo externo e pela alta sensibilidade desse órgão. “O acontecimento do nascer traz para a criança uma experiência de massagem e estimulação generalizada da pele durante as contrações maternas e a expulsão para fora do envelope vaginal dilatado para as dimensões do corpo do bebê” (Anzieu, 2000, p. 86).

Sabe-se que essas estimulações táteis vão colaborar na ativação dos sistemas respiratório, digestivo e circulatório, e que elas certamente têm importante papel no despertar dos limites de um corpo que até então se encontrava imerso em meio líquido, pouco diferenciado.

A maior parte dos mamíferos lambe a cria após o nascimento.

Nós podemos massagear nossos bebês, principalmente aqueles que não viveram a experiência do parto normal. Os nascidos de cesariana precisarão ainda mais de nosso toque, da massagem e de algum tipo de contenção no colo, para que possam “exercitar” os limites de seu corpo.

A INTEGRAÇÃO DOS SENTIDOS: DENTRO E FORA

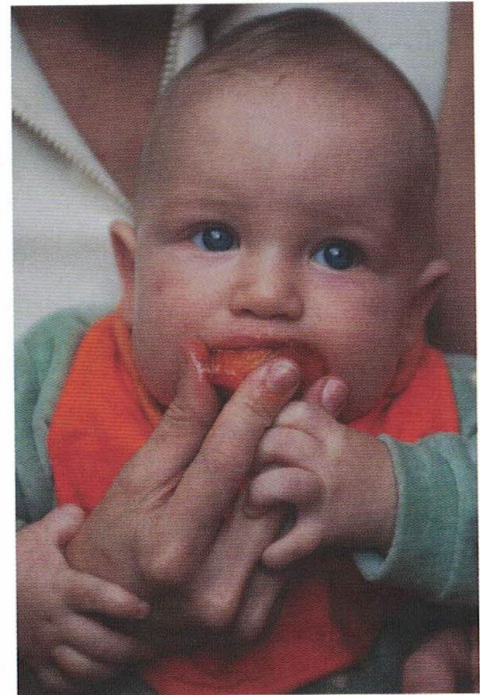
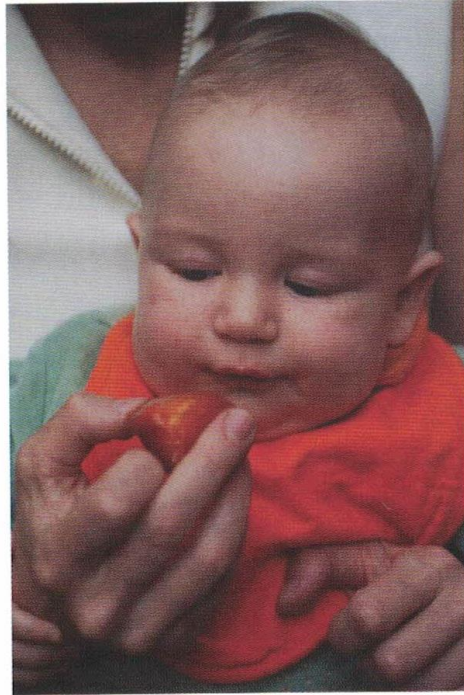
A VISÃO E O TATO são sensações que nos indicam o que se passa fora, no meio externo.

A audição informa tanto o que acontece fora do corpo, os sons do mundo, quanto dentro, os sons do próprio corpo: o batimento cardíaco, os barulhos do aparelho digestivo e da respiração, os sons da garganta e da boca, os sons produzidos pelas cordas vocais etc.

O olfato ligado à respiração traz o mundo de fora para dentro. Esse sentido também é capaz de evocar os outros: o cheiro da comida no fogo, o cheiro de terra molhada etc.

O paladar também será um sentido utilizado pela criança para conhecer o mundo. Tudo passará pela boca.

O bebê experimenta o sabor da fruta, sua consistência, observa sua cor e percebe a presença cuidadosa da mãe, que não permite que ele se engasgue com pedaços pequenos.



Todas as sensações são integradas pela criança junto com o movimento e com a percepção de seu corpo no espaço. É a noção do aqui e agora: **“Estou sentado no meu cadeirão e, neste exato momento, sinto o cheiro da comida, observo a movimentação dos adultos em torno do alimento, percebo o aumento de salivagem na boca, ouço os barulhos do estômago, sinto a agitação dos braços e das pernas: tenho fome!”**

Perceber o que se passa dentro e fora do corpo é uma tarefa de integração. A criança muitas vezes se utiliza de jogos e brincadeiras em busca dessa consciência.

Desde muito cedo, os bebês gostam das brincadeiras de esconder. Há muitos significados para esses jogos. Penso que um deles seja a possibilidade de viver a experiência interna, desligando-se do que acontece fora para, em seguida, recuperar o mundo externo. Dentro e fora podem ser percebidos simultaneamente, formando uma unidade.

Gestos de cuidado, gestos de amor



OS SENTIDOS E A RELAÇÃO COM A MÃE



O SER HUMANO CONSTRÓI-SE com base nas relações que estabelece com outros humanos. O prazer de evoluir e realizar-se depende da possibilidade de estabelecer vínculos de amor e de cuidados.

Todo bebê quer ser desejado. Essa deveria ser uma condição básica, uma premissa para a procriação. Infelizmente, nem sempre o é.

Entretanto, como disse nos primeiros capítulos deste livro, os pequenos nascem com alta capacidade de sedução e comunicação. Ao olharmos um recém-nascido, somos inundados por emoções de apego. Muitas vezes, também somos tomados por um grande medo de não sermos capazes de cuidar dessa criança e de amá-la, o que gera sentimentos negativos. A maternidade e a paternidade nem sempre representam um “mar de rosas”. Relacionar-se pode ser difícil, demandar muito investimento emocional e persistência. Junto com o bebê, porém, costuma vir uma grande força vital para os pais, bem como o desejo de realizar a tarefa de criar, de fazer crescer.

Do ponto de vista do recém-nascido, inicialmente tudo é confundido com a figura da mãe (incluindo aí o pai, os irmãos, os cuidadores etc.). “Durante os três primeiros meses de vida do bebê, supomos que ele ainda não pode, a não ser muito fugazmente, fazer distinção entre seu corpo e o da mãe. Devemos supor também que ele ainda não pode saber que seus sentimentos íntimos são seus mesmo, estão dentro dele. Pode muito bem parecer-lhe que, quando está irritado, o mundo inteiro está zangado” (Osborne *et al.*, 1982, p. 57).

O estado indiferenciado vivido no útero vai, pouco a pouco, transformar-se e, então, ele será capaz de diferenciar cada membro da família.

A comunicação inicial da dupla mãe-bebê é intensa. Uma ligação orgânica e sensorial tende a acontecer para que a mãe possa assumir e responsabilizar-se por seu papel de cuidadora, atendendo o melhor possível às necessidades do bebê. A mãe se utiliza de seus estados sensoriais: sente a temperatura do bebê com a própria pele (melhor do que qualquer termômetro), sente o cheiro de seu “amorzinho” fungando por todo seu corpo, sente o cheiro de suas fezes e pode até dizer se ele teve ou não dor de barriga e se o cocô está “bom”. É capaz de dizer se ele está com frio ou calor, acorda no meio da noite com o mais leve ruído (um mínimo choro) e por vezes sente que o pequeno acordou antes mesmo que ele dê sinal. A respeito do choro, ela pode chegar a identificar diferentes tons e definir diferentes tipos de choro.

Toda uma sintonia pode se estabelecer entre os dois. Não é uma regra, isso varia de mãe para mãe, de filho para filho, mas existe uma tendência nesse sentido.

Entretanto, mesmo as mães mais sensíveis e conectadas não sabem, em determinados momentos, exatamente o que se passa com seu bebê, e sentem-se a pessoa menos capacitada para cuidar dele. Nessa hora, é preciso ter calma, pois se trata de uma sensação dinâmica, que pode se modificar.

Há ocasiões em que a mãe é precisa no cuidado, sabe o que seu bebê necessita e quer, reconhece o choro de fome ou incômodo etc.; no entanto, em outros tantos momentos, ela pode sentir-se perdida.

Algumas situações conhecidas podem inibir a tendência à sintonia. Pode ser o caso de mães que são privadas dos cuidados iniciais de seus bebês, que precisaram ficar em incubadoras ou sob cuidados médicos. Nesses e em outros casos nos quais o vínculo se interrompe, é necessário ajudar mães e bebês a recuperar a confiança mútua e restabelecer o contato amoroso entre si.

O bebê, por sua vez, é capaz de captar os estados interiores da mãe e sua personalidade. Ele se vê a partir dos olhos dela, daquilo que ela pensa sobre ele, do que sente por ele e do que quer que ele seja. Uma mãe confiante e positiva facilitará o desabrochar de seu bebê – mas sabemos que positividade e confiança não são possíveis a todo momento.

Esse estado de sintonia vai se modificar. Trata-se de um processo de evolução tanto da experiência corporal quanto emocional. A ausência e a presença da mãe são percebidas pelo bebê e provocam emoções intensas.

O amor absoluto e o enamoramento sublime vividos com ela podem ser substituídos por zanga, raiva e furor, expressos por meio de choros, enrubescimentos, contorções, esperneios e gritos. É importante acolher os bebês nos sentimentos positivos e nos negativos. Contê-los no colo, embalá-los, acariciá-los, consolá-los com nossa presença física, com tapinhas e nossa voz. Distraí-los ou inibi-los desses sentimentos que, embora difíceis, são necessários: não!

Deixar o bebê chorando sozinho, largado em seu sentimento de abandono, para que ele aprenda por conta própria, acostume-se ou se canse, certamente não me parece uma boa opção. Muitos bebês, por não encontrar respostas para suas expressões de desagrado, acabam tornando-se apáticos, silenciosos, inexpressivos. Alguns podem até demonstrar isso rejeitando o alimento e perdendo peso.

O processo de diferenciação da mãe ocorrerá ao longo da primeira metade do primeiro ano e será vivido pela dupla (criança–mãe) de forma única no que se refere a expressões e tempo.

Nenhuma mãe será capaz de preencher e suprir seu bebê de forma absoluta. É esse vazio criado pela impossibilidade do preenchimento completo, vivido como uma espécie de “desilusão amorosa” pelo bebê, que o impulsiona a evoluir e buscar outras fontes de interesse, descobrir o pai e posteriormente os outros adultos, ir para o mundo.

O BEBÊ E O MUNDO: A EXPLORAÇÃO MOTORA

NO CONHECIMENTO E NA EXPLORAÇÃO do mundo físico, a primeira lei com a qual nosso corpo tem de lidar é a lei da gravidade. Colocar-se no mundo é equilibrar o próprio peso e conseguir organizar as partes do corpo em um todo coordenado e autônomo.

A criança precisará conhecer o próprio corpo, controlá-lo e utilizá-lo para realizar seus desejos. Cada etapa alcançada no corpo representará uma conquista no plano comportamental.

Descrever as etapas do desenvolvimento motor do bebê, associadas a determinados períodos, pode se tornar uma “armadilha”, tanto para pesquisadores quanto para pais e educadores. Nas fotos a seguir, preocupei-me em demonstrar o movimento de cada etapa. Nem sempre os bebês apresentados correspondem exatamente às idades referidas.

Cada criança tem seu ritmo e um tempo próprio para amadurecer. Não devemos apressá-las nem antecipar seus futuros movimentos.

Uma criança competente não é necessariamente uma criança segura e estável. No sentido inverso, uma criança segura e serena não será necessariamente “um sucesso” em suas performances. Devemos olhá-las para além de nossas expectativas. [...] Existe a criança que nos satisfaz e que nos dá prazer com seus bons resultados e existe aquela que satisfaz a si mesma encontrando segurança e alegria em suas realizações. (Denys-Struyf, 1995, p. 11)

O PRIMEIRO TRIMESTRE

NOS PRIMEIROS TRÊS MESES DE VIDA, as conquistas motoras ocorrem principalmente em torno do controle e fixação dos olhos e da movimentação da cabeça, além da coordenação da sucção, sobre a qual falarei na seção sobre a amamentação.

Há toda uma coordenação a ser conquistada entre os músculos que giram a cabeça e os músculos que regulam a posição dos olhos. O bebê observa o mundo a seu redor.

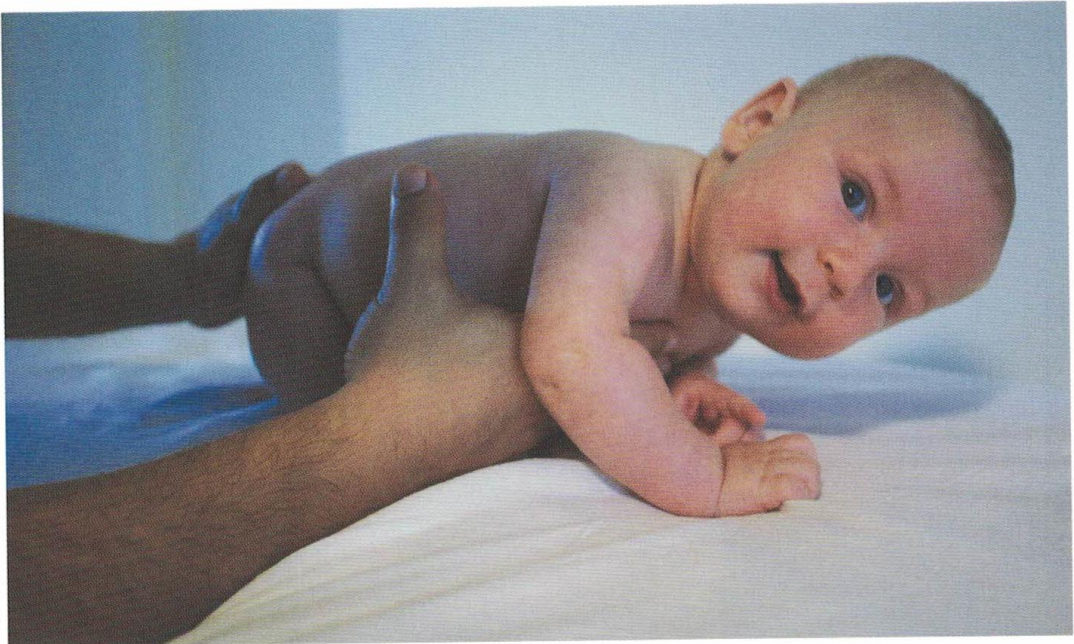
Essa coordenação permite a ele acompanhar os objetos em movimento. Ao final do primeiro trimestre, ele será capaz de, quando deitado sobre a barriga, levantar a própria cabeça e sustentá-la por algum tempo. Será sua primeira conquista em relação à lei da gravidade. O controle da cabeça é muito importante, pois ali está a maior parte dos órgãos sensoriais (boca, olhos, ouvidos, nariz).

Quanto maior for o controle dessa região, maior será sua capacidade de relacionar-se com os estímulos externos, sejam eles humanos ou sensoriais, como luzes, sons, objetos em movimento, aromas etc.

O bebê sustenta a cabeça elevada do solo e observa seu entorno. Um início de força dos braços empurrando o chão pode ser observado.



A mão do adulto, em um gesto de cuidado, pode ajudar o bebê a encontrar essa posição, sustentando seu tronco com um apoio no peito e sob o abdômen.



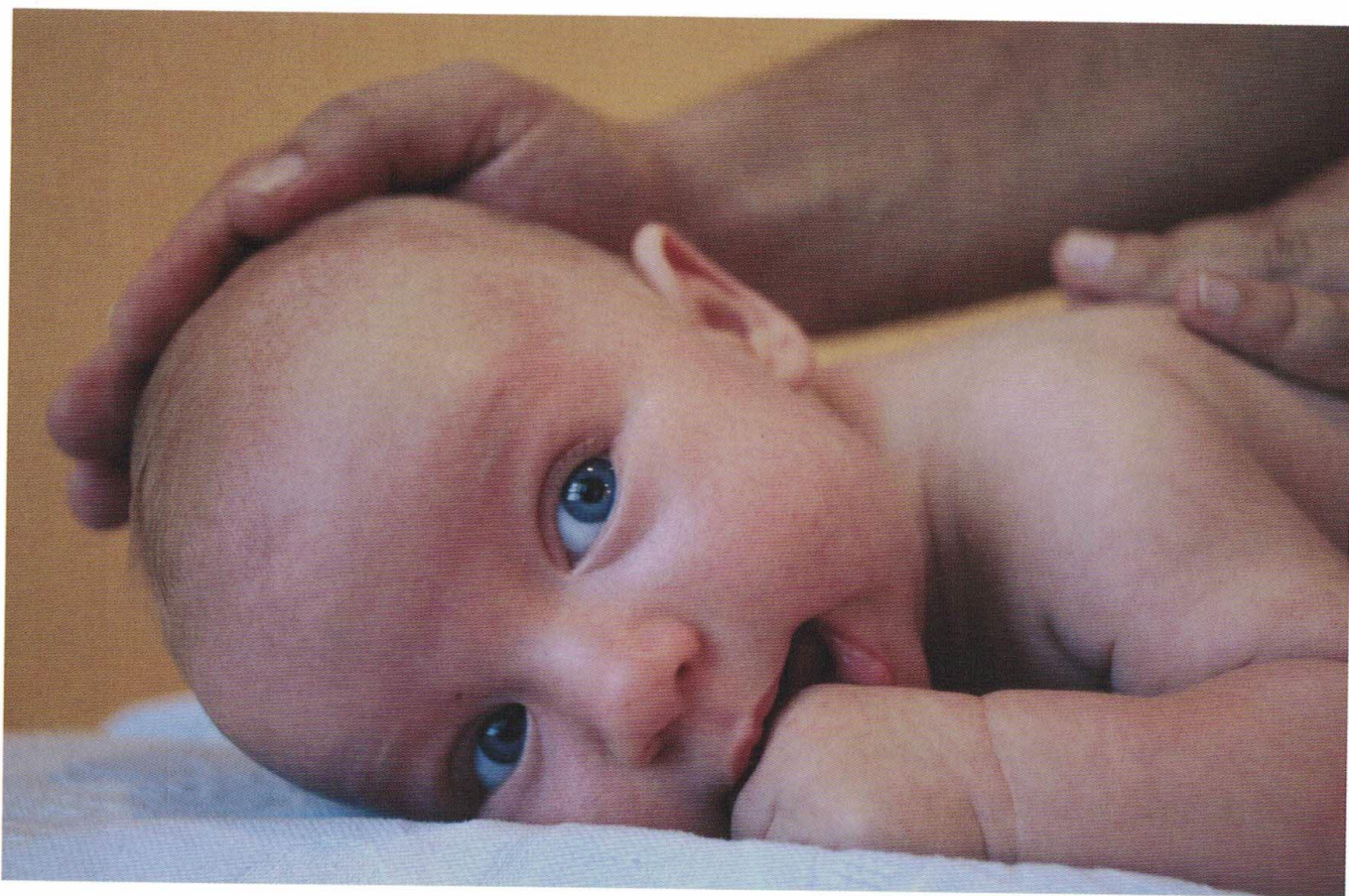
Do ponto de vista da locomoção, desde muito cedo os bebês são capazes de arrastar-se de maneira reflexa, não coordenada, fazendo movimentos de impulso com os joelhos e os artelhos.

Algumas mães se surpreendem de ter deixado seu recém-nascido em uma parte do berço e encontrá-lo do outro lado. Esse é um esboço do arrastar-se coordenado com movimentos de braços e pernas que acontecerá nos meses seguintes.

Ainda no primeiro trimestre, uma grande revolução ocorrerá em duas partes importantes do corpo do bebê: a mão e a boca. Ligados desde a vida intra-uterina, esses dois “centros” vão relacionar-se entre si e com o mundo.

A região da boca do bebê é altamente sensível. Ele chupará tudo que passar por perto, especialmente o próprio corpo (braços, pés e mãos). Brincará com suas descobertas e explorações e experimentará sensações diferentes ao tocar ou chupar seu próprio corpo ou o de sua mãe.

Quando chupa o próprio corpo, o bebê tem sensações simultâneas na região de contato, na mão e em torno da boca, por exemplo. Ao chupar o corpo da mãe, as sensações serão estimuladas principalmente em torno da boca.



Dessa maneira, ele pode perceber sua mão como parte de seu corpo e o corpo da mãe como diferente do seu.

Assim se estabelecem os fundamentos para uma consciência de si mesmo, por uma diferenciação entre si próprio e a mãe, e entre as pessoas e as coisas. Porém é só um começo. O bebê deve ganhar muito mais experiência antes de claramente conhecer a mãe como separada dele ou distinguir um objeto de uma pessoa. (Osborne *et al.*, 1982, p. 60)

Podemos considerar a mão como uma unidade, um complexo centro de coordenação. A mão ocupa um espaço enorme em sua representação no cérebro. Ela pode nos representar como humanos por ser um órgão único, exclusivo de nossa espécie, e por sua utilização. Sua capacidade de captar informações do

meio, funcionando como uma espécie de “antena”, tem importância capital no desenvolvimento do bebê.

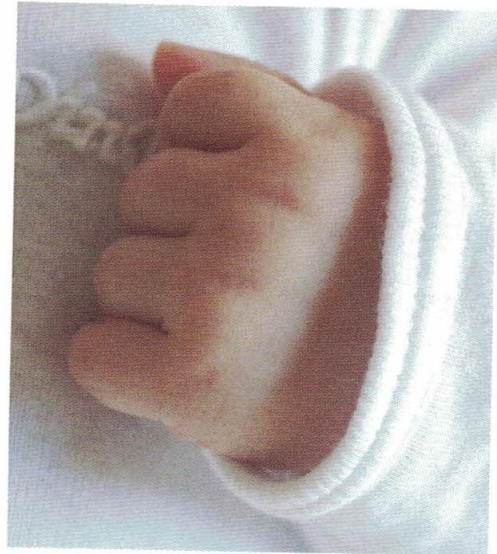
Mãos e identidade pessoal estarão ligadas profundamente por toda a vida.

As mãos do bebê são muito sensíveis. No primeiro trimestre, elas ganham a liberdade de se abrir e se fechar sob o controle do bebê; ao mesmo tempo, ele aprende a girar a palma para fora, na direção dos objetos e das outras pessoas, ou para dentro, em direção ao próprio corpo.

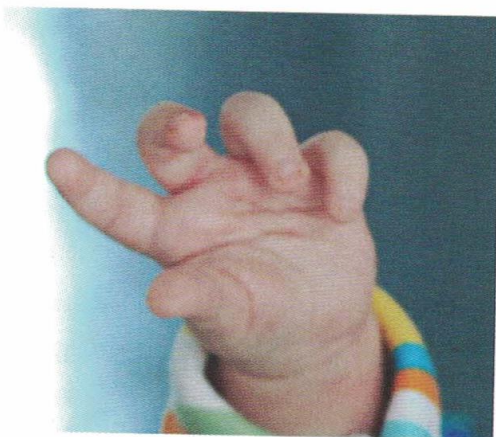
Essa liberdade permite a ele tocar as pessoas, os objetos e a si mesmo, brincando e recolhendo informações capazes de diferenciá-lo de tudo que toca e não é ele: brinca com argolas, tenta alcançar o móvel, brinca com as próprias mãos, com os dedos, com o cabelo da mãe e com partes do corpo dela.

Do ponto de vista da comunicação e expressão, o bebê se comunica com todo o corpo. Nesse sentido, o colo, a maneira como o carregamos, o toque durante a higiene, o banho, os cuidados e a massagem representam para ele formas de comunicação e linguagem. Ele fica atento a todos os nossos gestos.

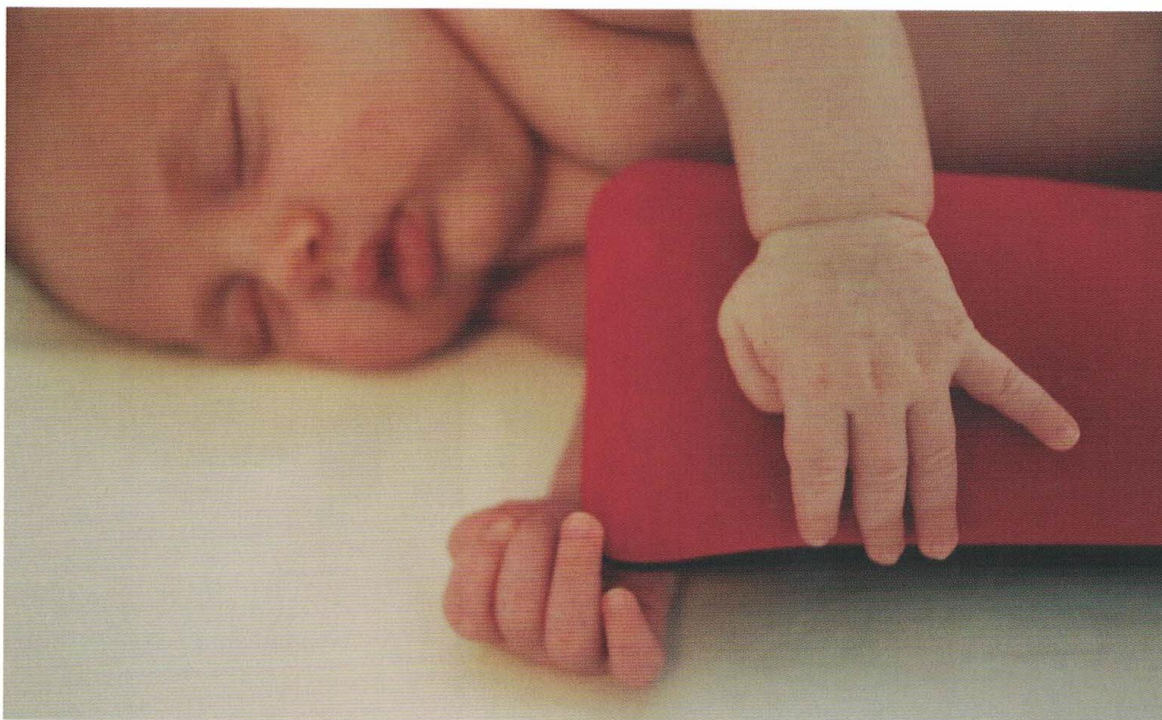
Outra parte do corpo terá grande interesse para ele: o rosto.



Padrão inicial da mão de um recém-nascido: a mão fechada em torno do centro da palma.



O polegar afasta-se do centro e a mão abre-se, permitindo que sua parte mais sensível, a palma, possa entrar em contato com o mundo ao redor.



A mão descansa relaxada.

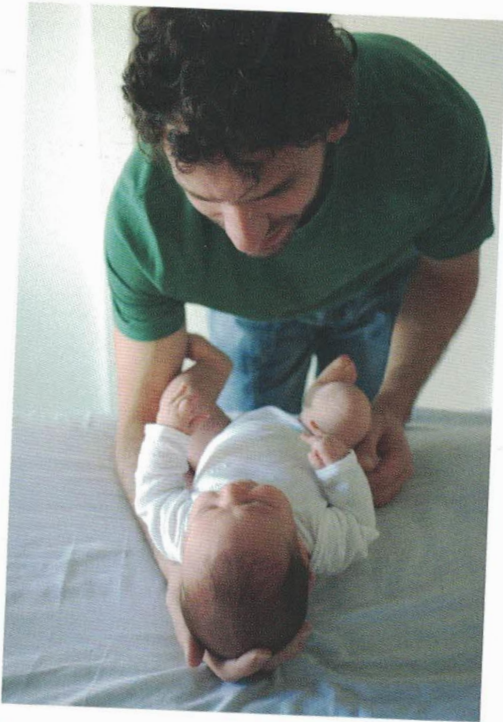
Se o olhar representa “a janela da alma”, as expressões faciais permitem ao pequeno encontrar uma forma de comunicar suas emoções e seus estados interiores.

O bebê se interessa pelo rosto humano.

Seu olhar é profundo e encantador, mas algumas vezes difícil para o adulto, por conta da intensidade na qual o bebê está imerso.

Desde muito cedo, podemos identificar uma rica gama de expressões faciais. Muitas dessas mímicas estão também presentes em bebês cegos de nascença, sugerindo que essas estruturas de comunicação facilitadoras do vínculo amoroso não são aprendidas apenas pela imitação. Elas estão à disposição do recém-nascido e serão desenvolvidas na relação de espelhamento com as pessoas ao redor.

Mais do que imitar, o bebê desde muito cedo mimetiza, entra em sintonia com a expressão facial do adulto. E vice-versa: frequentemente, é o



A comunicação papai-bebê. Inicialmente, o olhar sério: a criança franze a testa e observa atentamente. Em seguida, a tensão se desfaz e um clima de cumplicidade ocorre entre os dois. É o início de uma relação.

adulto que vira criança e torna-se um comunicador nato, expressivo, fazendo caretas e palhaçadas.

Pude observar pais extremamente tímidos, formais em suas expressões, transformados em “personagens” na comunicação com seus nenês. Muitos bebês riem, alguns dão boas gargalhadas!

O interessante é como eles observam atentamente nossas expressões. Ao final, não sabemos se somos nós que os imitamos ou se são eles que nos mimetizam. Trata-se de uma saudável simbiose.

Sabemos que muitas das expressões iniciais do bebê são apenas reflexas e independentes de seu controle – que importa? É o começo da comunicação, uma grande brincadeira!

Na foto ao lado, o adulto posiciona o rosto no campo visual do pequeno.

Até esse momento, o bebê não é capaz de sustentar a cabeça por conta própria – aquisição que virá no final do primeiro trimestre e início do segundo. Alguns bebês apresentam esse controle mais cedo: quando carregados em posição vertical, já são capazes de manter a cabeça ereta e firme.

Ao longo do primeiro trimestre, e mesmo até a metade do segundo, quando passa da posição vertical (no colo) para a horizontal (no berço ou trocador) e vice-versa, o bebê necessita dos cuidados do adulto, para controlar a cabeça. Mesmo aqueles bebês capazes desse controle quando carregados em posição vertical encontram dificuldades na passagem de uma posição à outra.

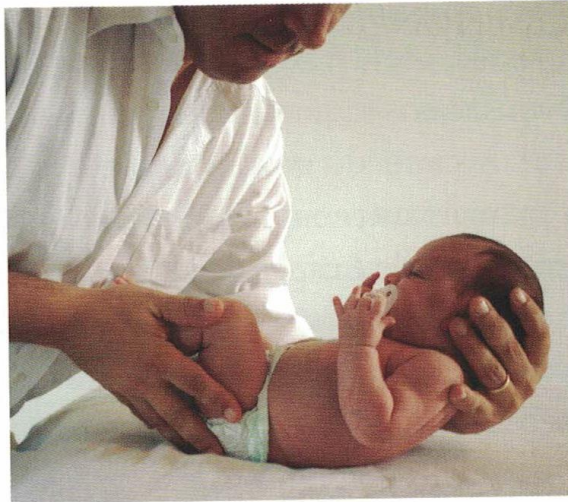
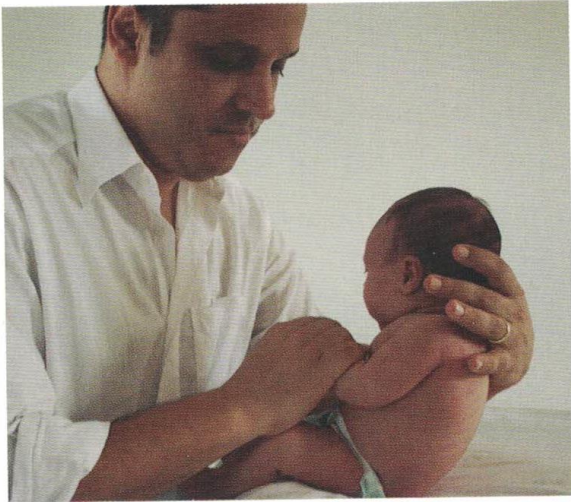
O ADULTO OFERECE UM APOIO PARA A CABEÇA DO BEBÊ

UMA BOA DICA PARA ESSE GESTO é girar levemente o corpo do bebê para um lado e passar a mão por baixo de sua cabeça. Em seguida, voltar a deitá-lo de barriga para cima, com a cabeça apoiada sobre a mão do adulto.

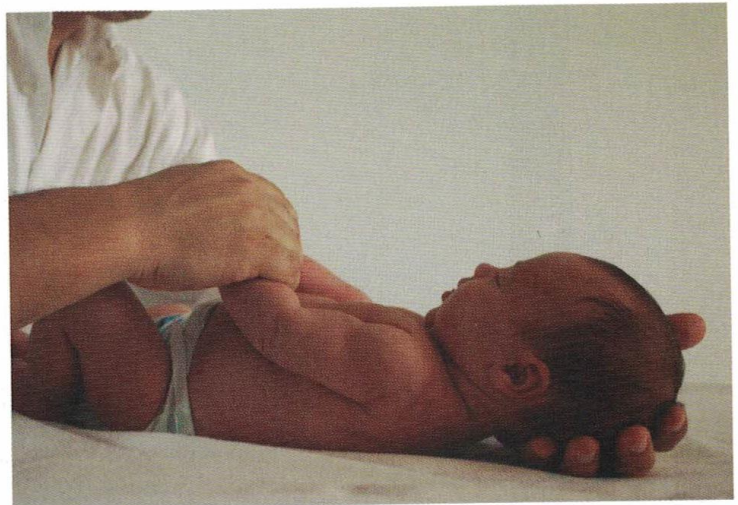
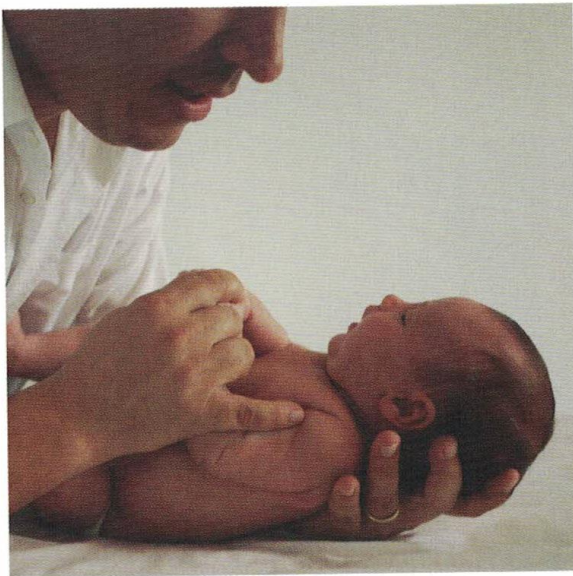
Com a mão direita, o adulto segura o braço e a mão direita do bebê e gira seu corpo para o lado esquerdo. O bebê, que estava deitado sobre as costas, fica deitado sobre o lado esquerdo do corpo. Em seguida, o adulto coloca a mão esquerda sob a cabeça do bebê e gira-o de volta à posição inicial.

Podemos iniciar o movimento a partir do outro lado, trocando a posição das mãos.





Na passagem da posição vertical (no colo ou sentado com apoio) para a horizontal, o adulto sustenta a cabeça e a parte superior das costas do bebê, mantendo-o agrupado e, pouco a pouco, inclinando o corpo do pequeno com o apoio da superfície.



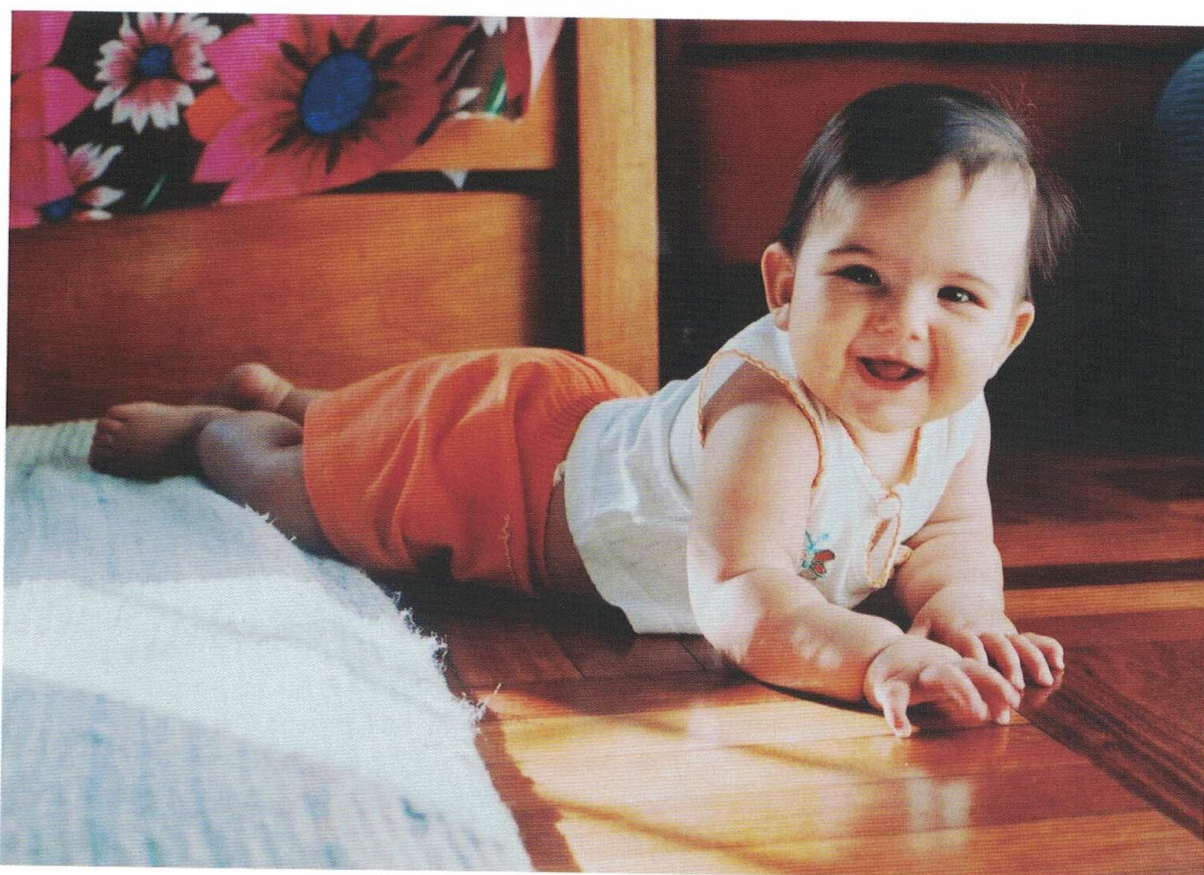
Uma mão do adulto segura as mãozinhas do bebê, unidas na frente do corpo, enquanto a outra desliza lentamente por trás do crânio, acomodando sua cabeça e organizando-a na linha central do corpo. Observem como o bebê encontra um apoio no corpo do adulto para empurrar os pés. Com a ajuda desse apoio, ele empurra os pés e se estica, alongando todo o tronco.

O SEGUNDO TRIMESTRE

NO SEGUNDO TRIMESTRE, o bebê inicia uma nova experiência do corpo no espaço.

A partir do quarto mês, o bebê é capaz de controlar seus movimentos com mais autonomia. A luta contra a força da gravidade ganha uma nova etapa. Agora ele é capaz de **afastar-se do solo** empurrando os antebraços. A cabeça pode girar para todos os lados, ao passo que os braços serão responsáveis pela manutenção da posição. Iniciam-se os movimentos de **rastejar**. Alguns bebês rastejam para a frente, enquanto outros rastejam para trás.

Uma vez conquistada a capacidade de empurrar os braços contra o solo, o bebê se utilizará da lateralidade do corpo e, impulsionando o chão com um braço, fará seu corpo girar para o lado oposto. Inicia-se o **rolamento**.



Os antebraços apóiam-se no chão e o bebê é capaz de sustentar a parte alta do tronco.

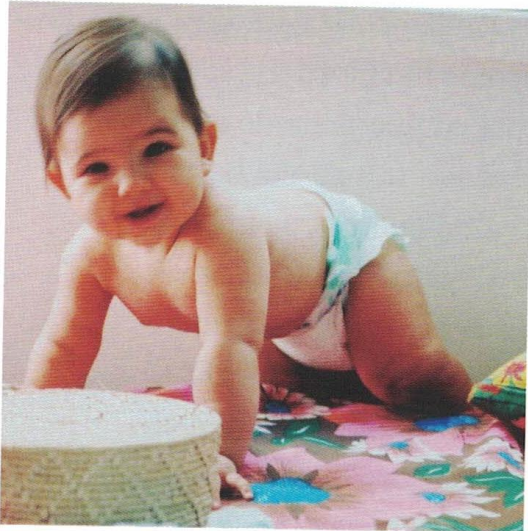
Gestos de cuidado, gestos de amor



O rolamento é uma das aquisições dessa etapa. O corpo gira, rolando lateralmente, mantendo a organização em torno de seu centro. Os músculos anteriores do tronco garantem o enrolamento da cabeça e da bacia ao redor do umbigo. Ocorre um pequeno grau de rotação entre a bacia e os ombros para dar início ao movimento.

O rolamento não acontece como um bloco. Há sempre um componente de rotação entre o tronco e a bacia. Esse componente rotatório é menos evidente no primeiro trimestre, ganhando expressão com o controle do bebê a partir do segundo.

No segundo trimestre, o bebê também será capaz de controlar o movimento dos braços e **alcançar** os objetos. Ele controla a abertura da mão e a possibilidade de fechar a palma sem levar os dedos. Com isso, passa a **agarrar** voluntariamente os objetos. Já resiste quando querem tirar dele um brinquedo. Sua coordenação visual também lhe permite calcular o momento exato no qual a flexão da mão deve ocorrer. Antes desse controle, em inúmeras tentativas sua mão fechou-se em um tempo inadequado, impedindo-o de agarrar o objeto e frustrando sua conquista.



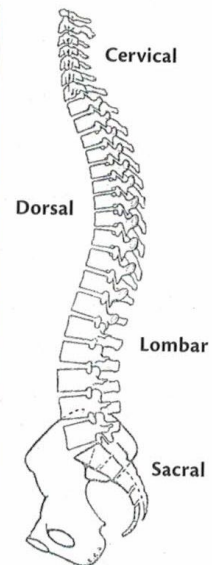
O bebê empurra o chão com os braços e as pernas, e, utilizando os músculos anteriores do corpo em equilíbrio com os músculos posteriores, afasta-se do chão, balançando o corpo para a frente e para trás, preparando-se para o engatinhar.

Ele também é capaz de impulsionar o chão com os braços e as pernas, e, contraindo os músculos abdominais, **afastar-se do solo**, preparando-se para os deslocamentos. Ao mesmo tempo, o bebê desenvolve com maior controle a habilidade de arrastar-se, começando seus primeiros deslocamentos dirigidos no espaço.

A partir do sexto e do sétimo mês, ele será capaz de **sentar-se**, inicialmente apoiado e em seguida por conta própria. Sentado, ele consegue alcançar os objetos que o rodeiam, escolher os de que gosta, rejeitar os que não quer.

Nos planos psíquico e comportamental, uma grande revolução ocorre nesse momento. O horizonte se amplia ainda mais. Ele terá a primeira imagem de si como uma totalidade. Pode exercer as mãos, os pés, o próprio umbigo, o corpo em movimento e, ao mesmo tempo, a ação da mãe independente de sua vontade e controle.

Quando sentado, sua coluna experimentará a posição ereta. É neste momento que se inicia a formação das curvas saudáveis da coluna vertebral.



Um choro sentido, triste e melancólico passa a fazer parte do repertório de suas emoções expressas. Agora, o bebê não reage mais de forma tão descontrolada diante da ausência da mãe. Ele não pode tê-la por inteiro e a consciência dessa falta parece formar um sentimento de saudade e nostalgia. Porém, essa “dor” o faz crescer, lançando-o mais uma vez na busca de novas conquistas. A relação com o pai passa a ter importância capital a partir desse momento.

A PRESENÇA DO PAI

MUITOS ESTUDOS E OBSERVAÇÕES do comportamento infantil parecem concordar que, em torno do sexto mês, o bebê percebe, reconhece e se interessa pelo pai de forma diferente. Isso não quer dizer que a participação e a presença do pai não tenham sido importantes antes disso.

Tenho observado em minhas palestras e cursos um número crescente de homens interessados em conhecer e se aproximar de seus filhos desde o início. Bem-vindos!

Algumas maternidades que desenvolvem o programa de “mães-cangurus”, aproximando bebês prematuros do calor do corpo da mãe, têm espaço para “pais-cangurus” também, com excelentes resultados.

As relações dentro da família vêm se transformando, possibilitando novas atitudes no que diz respeito aos papéis desempenhados por seus membros. O que precisamos levar em consideração na formação do relacionamento entre pai e bebê são os fatores humanos e as condições circunstanciais que possibilitam o vínculo entre eles.

Inúmeros fatores podem facilitar ou dificultar essa aproximação, a começar pelo temperamento do bebê – alguns bebês são mais “fáceis” do que outros para entrar em contato. O temperamento do pai também conta: há pais tímidos, que se sentem inadequados; outros que atribuem à mulher os cuidados iniciais e só se deixam envolver pelos pequenos quando estes crescem um pouco.

Há ainda os pais que têm facilidade em lidar com seus bebês, mostrando-se comunicativos e espontaneamente dispostos a fazer contato.

As atitudes da mãe, o quanto ela está aberta à participação do pai nas atividades da rotina do bebê, também influenciam. Algumas mães são bastante possessivas com seus filhos, abrindo pouco espaço à participação do pai.

Além de tudo isso, coloca-se o fator tempo. É fundamental que pai e bebê se encontrem em momentos importantes de reconhecimento mútuo. A presença significativa se dá pelo toque, pelo olhar, pela conversa (prosódia), e pode ocorrer durante as atividades da rotina do bebê, como no banho, na troca de fraldas, ou em outras situações de relação, a exemplo do brincar e do colo. **É importante que os dois, desde cedo, possam estabelecer formas próprias de comunicação, de brincadeiras e companheirismo.**

Para o pai que trabalha muito, é preciso, de tempos em tempos e na medida do possível, encontrar algumas brechas na agenda a fim de que ele e o bebê possam estar juntos. Flexibilizar os horários do bebê também pode facilitar esse contato.

Ainda assim, para os momentos nos quais a presença física não é possível, o pai pode participar indiretamente, acompanhando a evolução do filho por intermédio dos relatos da mãe sobre as conquistas diárias do pequeno.

Direta ou indiretamente, a presença do pai é de grande importância desde sempre e principalmente a partir do segundo trimestre.

O que há de novo para o bebê é a possibilidade de distinguir a figura do pai em relação à da mãe, e a de ambos em relação a si.

Trata-se de uma nova situação de relacionamento. É a inclusão de um terceiro elemento, criando novas dinâmicas na constituição da personalidade do bebê. Os irmãos (bebês adoram crianças mais velhas), os avós, os tios e os outros adultos que participam de sua vida serão compreendidos com base nessa nova perspectiva.

O TERCEIRO TRIMESTRE

PARA ALGUNS BEBÊS, arrastar-se é uma eficiente forma de deslocamento no espaço.

Em torno do sétimo, oitavo e nono mês, eles se preparam para engatinhar. Alguns farão a passagem do arrastar-se para o engatinhar, enquanto outros podem passar diretamente da posição sentada à de engatinhar, sem passar pelo arrastar-se.

Em ambas as modalidades, o adulto pode colaborar preparando o ambiente.

Antes de tudo, é fundamental que a criança possa explorar o chão. A casa deve estar preparada, à prova de bebês: os objetos perigosos para eles (como os pontiagudos, as quinas dos móveis, as tomadas, entre outros) ou valiosos para a família não podem ficar por perto.

O piso deve ser suficientemente seguro e firme para garantir apoios e proteger o bebê no caso de quedas – vale lembrar que alguns tombos e “galos” na testa são praticamente inevitáveis.

Comumente, ao tentar proteger os bebês das quedas, cometemos o erro de forrar o chão com lençóis e cobertores, ou mesmo colchonetes que desli-

O prazer do movimento: ao final do sexto mês e início do sétimo, o bebê agarra os próprios pés e descobre uma nova forma de rolamento.



zam. Com isso, os pequenos “patinam” e têm grande dificuldade de usar os apoios e os impulsos necessários ao deslocamento.

Os pisos apropriados para a fase inicial dos deslocamentos são aqueles que garantem firmeza e segurança para o bebê, como: carpetes, colchonetes emborrachados, tapetes firmes, forros vinílicos comuns em quartos infantis, entre outros.

Uma vez conquistada maior segurança no arrastar-se e no engatinhar, a casa abre-se para a exploração do espaço, e aí valem os outros pisos e revestimentos, a exemplo do piso de madeira ou cerâmica.

O QUARTO TRIMESTRE



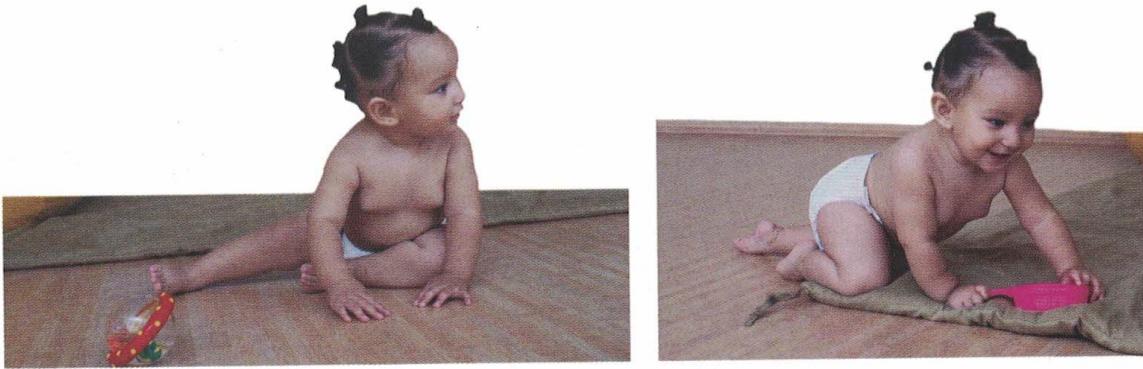
A criança posicionada no lado esquerdo da foto está sentada com autonomia suficiente para segurar um objeto e, com a outra mão, tocar a amiga. A criança da direita já está em um estágio motor mais avançado, em posição de cócoras.

O DÉCIMO, 11^º E 12^º MESES serão marcados pelos deslocamentos no espaço e pela conquista da posição ereta.

Do arrastar-se até o engatinhar, um grande trabalho motor ocorrerá, promovendo uma intensa atividade cerebral.

A posição sentada, uma vez conquistada com segurança (é preciso que o adulto saiba aguardar até que isso aconteça), abre um campo de exploração para as atividades que dependem da liberdade das mãos e da coordenação da mão e do olhar. Essa autonomia possibilita à criança partir para o **engatinhar**. Vejamos como:

Gestos de cuidado, gestos de amor



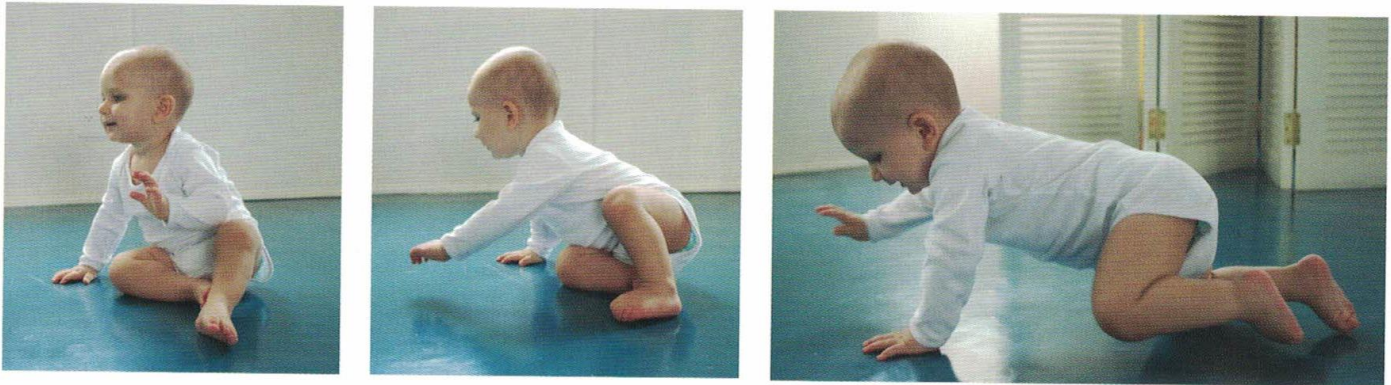
Partindo da posição sentada, há um deslocamento do peso do tronco sobre os braços e a perna esquerda. Assim, dá-se a passagem à posição de quatro, de forma dinâmica. O deslocamento de “gatinho” ocorre normalmente da posição sentada.

A criança passa para a posição de quatro apoios. Para isso, foi necessário recolher as pernas dobradas em flexão embaixo do abdômen e manter a bacia em enrolamento.

Uma vez conquistada a posição de quatro, a criança experimenta um balanço para a frente e para trás até que se sinta suficientemente segura para tirar uma mão do chão. Com uma mão fora do chão, o apoio passa para três bases, o equilíbrio se torna dinâmico e o bebê desloca-se no espaço.

Assim que conquista o engatinhar, a criança vive uma espécie de euforia ao descobrir sua autonomia de deslocamento, associada à possibilidade de manter seu olhar no espaço, distante da situação na qual o rosto estava colado no chão.



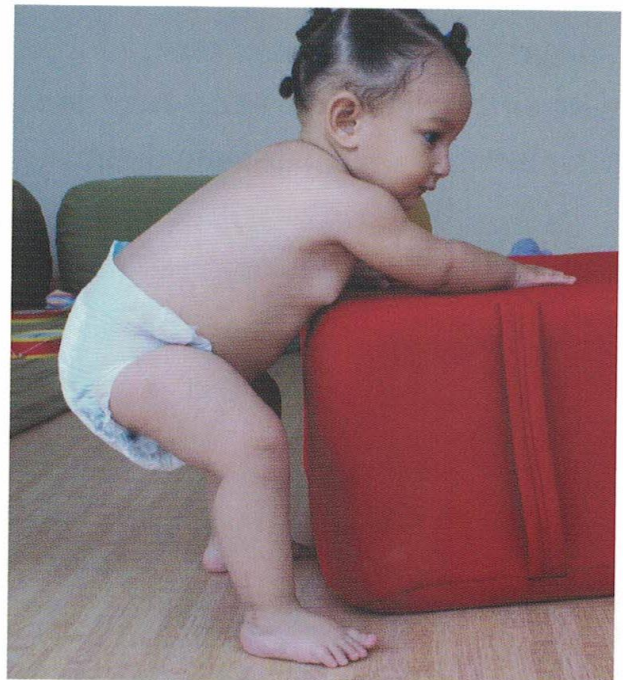
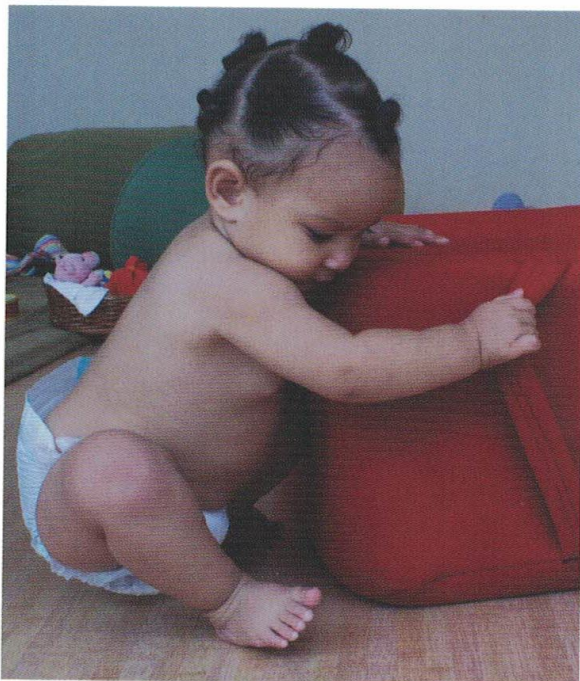


Passagem da posição sentada para o engatinhar.

Nesse momento, os pais costumam passar por um sentimento ambíguo: de felicidade, por ver seus filhos deslocando-se com facilidade; e de perda, por vê-los partindo para o mundo pela primeira vez.

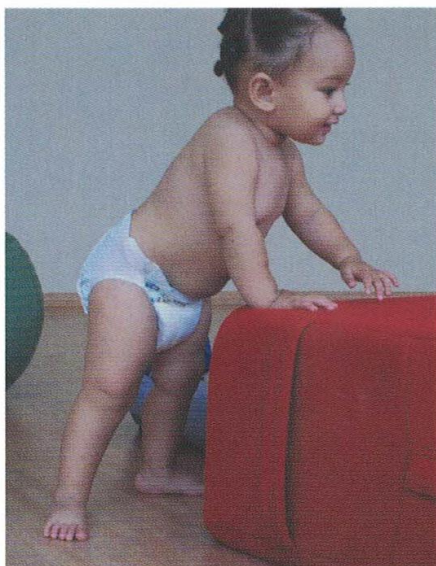
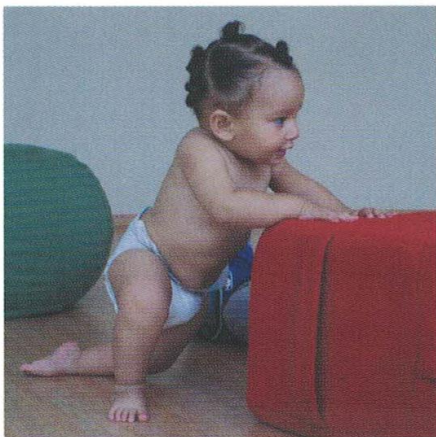
Contudo, o impulso de evoluir continua mobilizando a criança para novas conquistas. Depois de viver plenamente a posição de quatro apoios (gatinho), a criança quer conquistar a posição ereta.

Essa passagem se dá normalmente a partir da posição sentada.

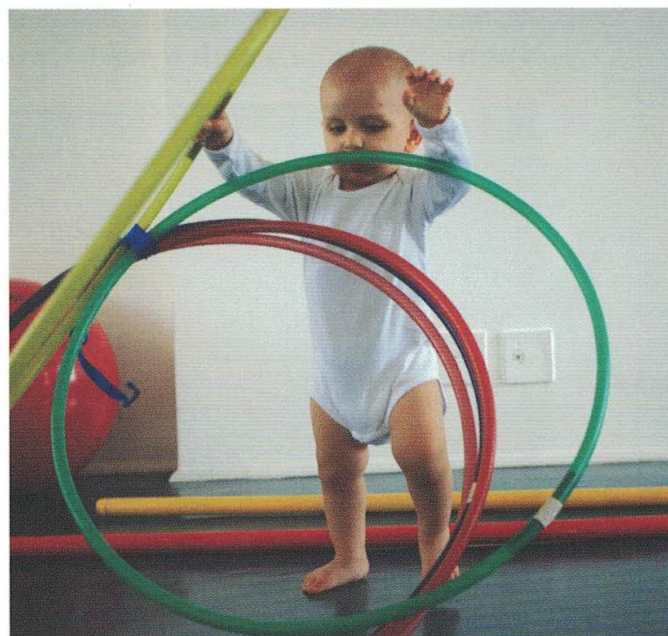


A criança agarra-se às grades do berço, ao dedo de um adulto ou ao tecido do sofá e impulsiona o corpo para a frente, passando da posição sentada à de pé.

A passagem para a posição de pé.



Usando o apoio dos braços e de um pé, a criança impulsiona o corpo para a frente. Ergue-se e experimenta a verticalidade.

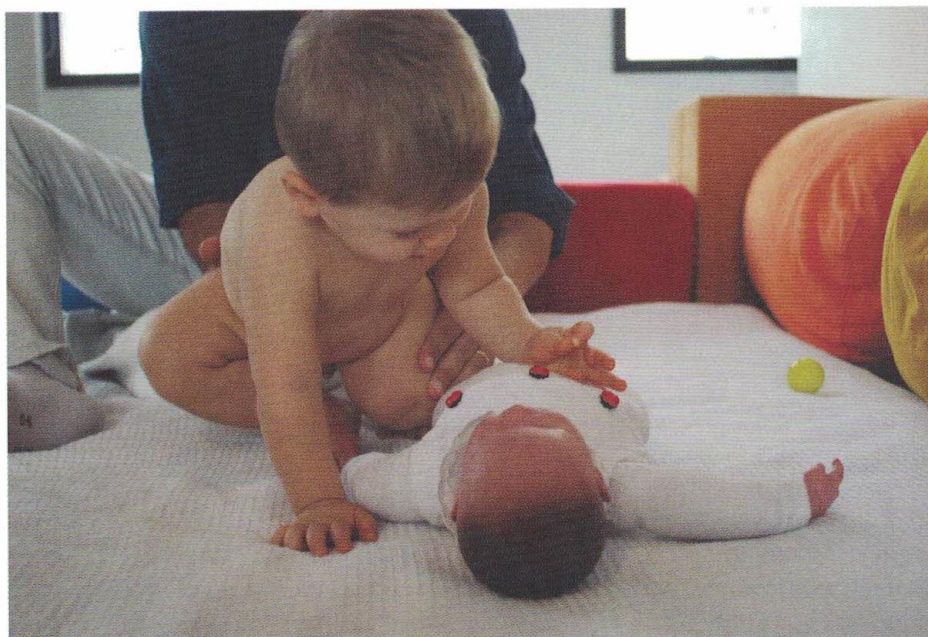


Agora, ela é capaz de levantar-se sem precisar de apoios externos. A bacia faz um grande enrolamento para equilibrar o peso da cabeça.

No período entre os 7 e os 12 meses de idade, os movimentos motores finos das mãos e dos dedos tornam-se expressivamente mais sutis e mais bem coordenados. Surge o movimento de pinça, opondo polegar e indicador.



A criança toca o botão da roupa do boneco e em seguida observa a possibilidade de repetir o movimento sem o objeto.



OS PRIMEIROS PASSOS COM APOIOS: O ANDAR



Depois de conquistada a posição ereta, a criança experimenta o deslocamento com a ajuda do adulto, empurrando a bola com as mãos. O adulto oferece uma pequena resistência para que a criança tenha contra o que empurrar. Ela também se deslocará lateralmente apoiada nos móveis.

QUANTA EXPECTATIVA gira em torno desta que é uma das mais espetaculares aquisições de nossa espécie: a conquista da forma vertical de locomoção, o andar.

Trata-se de um momento memorável do desenvolvimento motor da criança. Muitas vezes, não podemos identificar o instante exato em que aconteceram os primeiros passos, pois se trata, para a maioria das crianças, de um processo progressivo, uma evolução.

Porém, é certo que, quando a criança parte em seus primeiros passos sem apoios, somos inundados por uma tremenda emoção. Temos a impressão de que o bebê deixa sua condição de “diferente” de nós, passando a ser uma pessoa. Uma pessoa pequena.



Entre os 12 e os 18 meses, a criança dá seus primeiros passos sem apoios. Ela terá mais facilidade em equilibrar e sustentar o peso da cabeça se segurar um objeto nas mãos. “Bem-vinda ao mundo dos bípedes!!!”

Muitas crianças experimentam esse prazer. Depois de se sentir confortáveis, passam a “zanzar” por todo lado pelo simples prazer do movimento.

Alguns tombos são inevitáveis; as mães mais aflitas adorariam colocar capacetes em seus filhos nessa hora. Certas crianças se assustam com as quedas e recuam para a locomoção de gatinho. Tudo bem, a coragem virá cedo ou tarde.

O que podemos fazer é ensinar-lhes a levar as mãos na direção do chão para proteger o rosto, durante as quedas. Esse é um reflexo de proteção que pode ser estimulado nos bebês. Como? Exercitando o apoio das mãos no chão ou contra outra superfície qualquer, como o sofá, uma cadeira etc.

Outro gesto que devemos corrigir é o de segurar os braços da criança esticados para cima e para trás quando a ajudamos em seus primeiros passos. Isso faz que o centro de equilíbrio do corpo do bebê desloque-se para a frente. Normalmente, nessas condições, a criança acaba correndo ao invés de andar ou passa a andar na ponta dos pés.

Andar na ponta dos pés pode ser uma simples experimentação sobre as diferentes formas de apoio dos pés durante a marcha, mas pode também tornar-se um mau hábito quando a criança utiliza com muita frequência o apoio das pontas.

É importante garantir uma boa qualidade do andar: apoiando o pé inteiro no chão a cada passo, a criança pode contar com um maior equilíbrio, segurança e controle de seu deslocamento.

Devemos sempre manter os braços do bebê à frente do corpo durante o caminhar. É o adulto que deve dobrar os joelhos, para se ajustar à altura do pequeno, ou abaixar-se, como na foto da página anterior.

Como são suas primeiras caminhadas? E o que muda saber andar?

Andar é uma forma de deslocamento que aumenta substancialmente a capacidade de domínio do espaço.



Posição incorreta para ensinar o bebê a andar: braços esticados para trás.

Permite também a liberdade dos braços e das mãos, que ficam livres para o desenvolvimento da preensão e principalmente para o transporte de objetos.

O desenvolvimento do andar manifesta-se em suas primeiras fases entre os 9 e os 18 meses, mas o andar maduro só será atingido por volta dos 5 ou 7 anos. Antes de andar é importante que a criança tenha experimentado outras formas de locomoção, como o arrastar-se e o engatinhar.

A primeira fase do andar sem apoios caracteriza-se por passadas curtas, hesitantes, joelhos em flexão, braços em posição relativamente alta, sem alternância coordenada. Só mais tarde os braços vão descer à posição vertical, pendurados em balanço alternado e em oposição ao movimento das pernas. Nessa fase, os deslocamentos são curtos e não há mudança de direção.

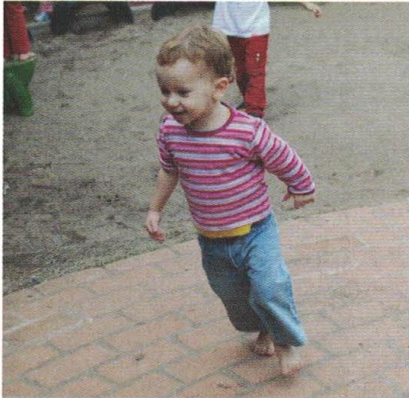
Um engano comum é acelerar o processo de andar da criança. Normalmente, justifica-se que esse é o desejo do bebê. De fato algumas crianças vão querer andar precocemente, contudo precisamos observar se isso é realmente um desejo ou acontece como uma tentativa de participar da vida de adultos que nunca experimentam conviver no nível do chão com ela.

OS OBJETOS E O CAMPO ANTERIOR DE RELAÇÃO

É INTERESSANTE OBSERVAR como um objeto dado na mão de uma criança pode proporcionar-lhe um estado de **concentração** e **interesse**. Notamos isso ao oferecer um brinquedo a um bebê que ameaça chorar, ou ao ver uma criança mais velha passar um longo tempo entretida com seus jogos de montar e desmontar.

A manipulação é uma atividade de grande importância na construção de conceitos simbólicos sobre o mundo e sobre a natureza. Quando uma criança segura um objeto nas mãos, uma série de operações ocorre em sua mente e em seu corpo.

Inicialmente, o objeto tem a função de orientar os sentidos e coordenar as partes do corpo em uma mesma direção. A cabeça se posiciona para que o olhar possa construir a imagem visual daquilo que está sendo percebido pelo tato.



A criança corre. Reconhece os limites do ambiente ao redor. Compreende o espaço em sua globalidade. Corre em direção a um objetivo, ou corre simplesmente pelo prazer de sentir a velocidade que o corpo pode atingir. Sente as direções e as distâncias.

Forma-se então um **campo anterior de relação** que liga o objeto, os órgãos sensoriais dispostos no rosto e as mãos.

O campo anterior pode estar circunscrito no próprio objeto e, nesse sentido, toda a atenção da criança será convergente, promovendo um estado de concentração e análise de dados sobre o objeto. Quando o campo anterior está ligado a um objeto distante das mãos do bebê, sua atenção e seus sentidos voltam-se para o espaço ao redor, em uma percepção mais global, que inclui todos os elementos que compõem o ambiente. Ocorrem duas percepções distintas: com o objeto nas mãos, a criança pode analisá-lo¹ em suas particularidades; quando o objeto está distante, a noção será sintetizada² em um todo que engloba os diferentes elementos. Complicado? Não, porém complexo.

No plano comportamental, observaremos dois impulsos complementares que compõem os gestos humanos: um é aquele de trazer os objetos para si; o outro é o de partir em busca dos objetos.

Podemos dizer que o primeiro envolve sobretudo a apreensão, a manipulação, na qual os sentidos se organizam em um estado de concentração, enquanto o outro envolve principalmente a locomoção, a descentralização, a intenção de buscar algo que está fora.

Podemos definir esses comportamentos como estados de **introversão** e **extroversão** vividos pela criança. Introversão e extroversão são estados complementares que costumam se alternar: a criança parte em busca de um objeto, atravessando o ambiente (que pode ser a sala, o quarto, o pátio da escola ou da creche), até alcançá-lo. Então, ela senta-se, permanecendo em uma atividade de observação e descoberta do objeto.

1 Análise: exame em detalhe das partes do todo. Percepção de cada parte.

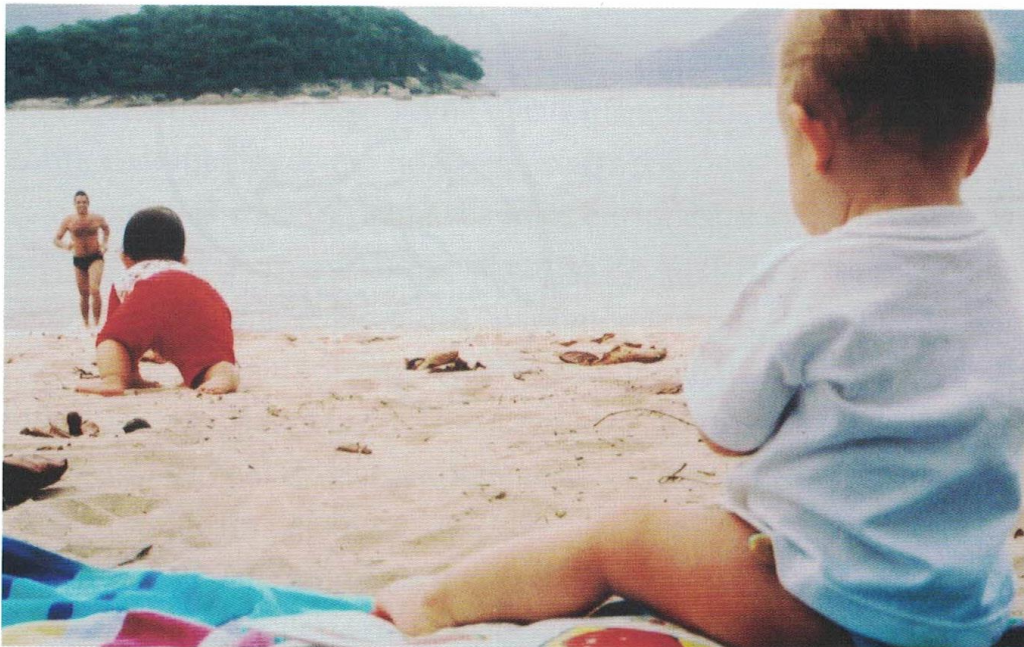
2 Síntese: reunião de elementos diferentes em um todo coerente. Percepção global.

A criança senta-se com sua caixa de brinquedos, preparada pelo adulto, com objetos simples que não sejam perigosos: uma colher de pau, uma casca de coco, um sino, um objeto de plástico, algumas caixinhas. Ela mergulha nesse pequeno universo.

Infelizmente, em nossa sociedade, somos atingidos por um **excesso de informações** e acabamos expondo nossos pequenos. Estimulamos as crianças nas mais variadas direções, normalmente as tirando de seu estado de concentração. Não damos tempo a elas para realizar o mergulho que possibilita a compreensão profunda das diversas qualidades dos objetos. Essas experiências necessitam muitas vezes da repetição. No entanto, estamos sempre estimulando as crianças com novos objetos, depois outros e mais outros, distraíndo-as permanentemente. Mais tarde, encontramos crianças e adultos com **déficit de atenção** e não sabemos por quê.

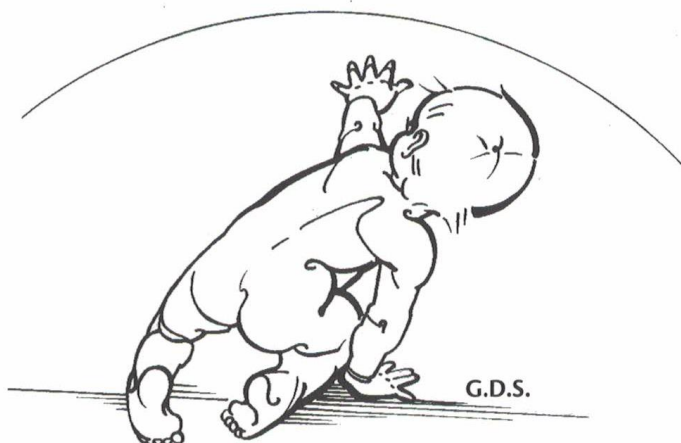
Algumas crianças concentram-se apenas diante da televisão e da tela do computador, perdendo toda a riqueza da tridimensionalidade dos objetos e do espaço.

Precisamos equilibrar os momentos de silêncio com os de música; de ficar parado com os de movimentar-se; de ir para fora no sentido da extroversão com os de recolher-se no sentido da introversão.



Uma criança permanece sentada, atenta ao objeto que tem nas mãos, enquanto a outra parte para o deslocamento na direção do pai.

O método G.D.S. descreve as estruturas musculares e articulares presentes nas atitudes de introversão e extroversão.

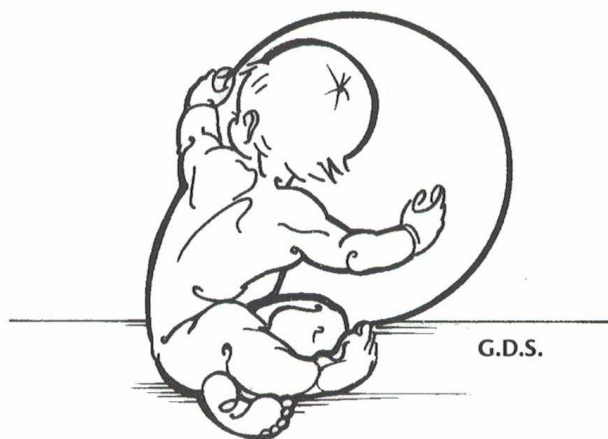


CADEIA MUSCULAR POSTERIOR LATERAL (PL)

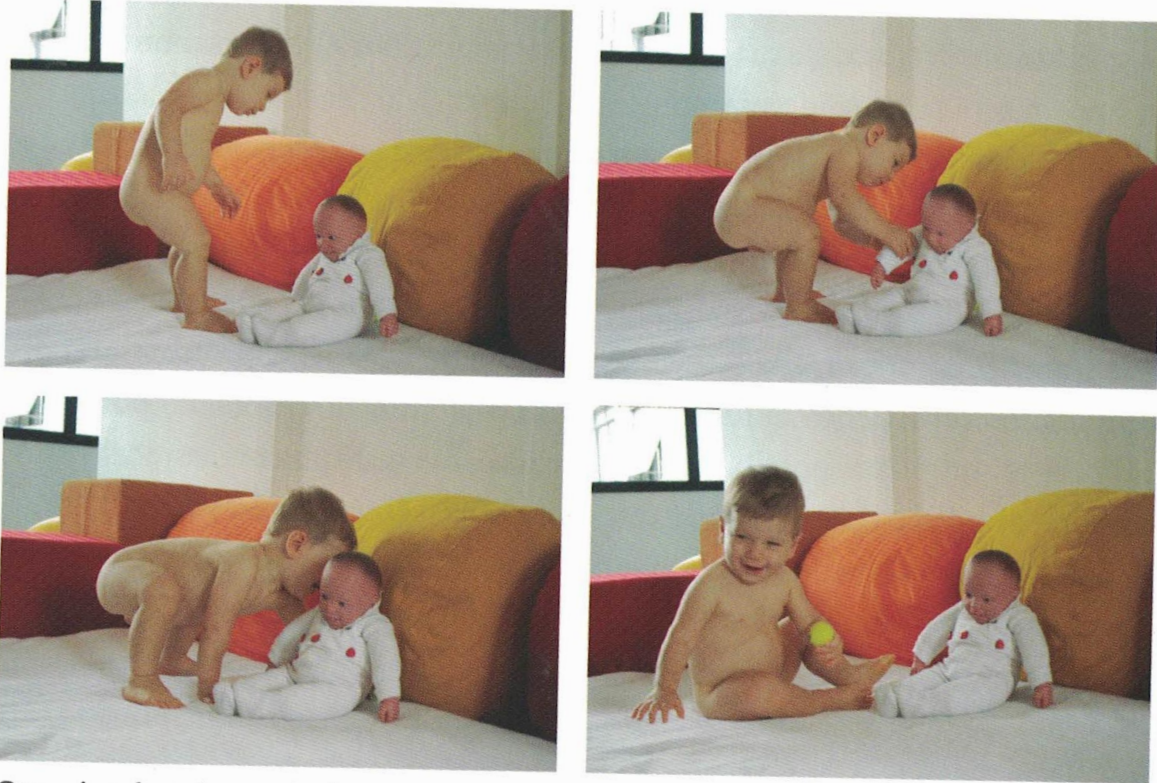
- Partir em busca de algo;
- ir para fora;
- extroversão;
- locomoção;
- capacidade de síntese.

CADEIA MUSCULAR ANTERIOR LATERAL (AL)

- Trazer para si;
- reter;
- introversão;
- preensão;
- capacidade de análise.



A ANTECIPAÇÃO DAS DESCOBERTAS



O menino descobre, atrás do boneco, a bolinha escondida. Quanto prazer em sua expressão!

OUTRO ASPECTO DA VIDA moderna que transmitimos às crianças sem nos darmos conta é a dificuldade em lidar com o tempo.

Sentimos o tempo cada vez mais curto, estamos sempre acelerados, correndo atrás das coisas, com a sensação de que não podemos parar e de que, se por acaso paramos, estamos “perdendo tempo”.

Devemos lembrar que as noções fundamentais sobre a vida são estabelecidas nos três primeiros anos. Conforme foi mencionado anteriormente, a criança, por meio de suas experiências, constrói nessa fase os caminhos neurais que utilizará pelo resto da vida.

A noção de tempo está sendo elaborada por eles de acordo com suas experiências. Fazem parte do universo do bebê e da criança pequena as experiên-

cias de descobrir, experimentar, sentir, tentar, provar, saborear, testar, exercitar, conhecer, reconhecer, distinguir, observar, conceber... o mundo.

Tudo é novo, tudo existe para ser descoberto por eles. Descobrir as coisas por si será seu grande prazer.

É fundamental que eles possam dispor de seu tempo para tirar, de suas vivências, as informações sobre a natureza das coisas.

Não podemos, nem devemos, antecipar suas descobertas.

Talvez por termos um tempo tão curto, queiramos antecipar-lhes a ação. Mostramos como funciona o quebra-cabeça ou ensinamos a brincar com determinados brinquedos antes mesmo que eles possam descobrir, por conta própria, as inúmeras possibilidades de cada objeto. É preciso, muitas vezes, contermos nossas ações a fim de que as deles possam ocorrer.

É claro que devemos protegê-los das situações nas quais correm perigo. No entanto, o prazer de vencer os desafios e chegar às descobertas por conta própria fortalece a confiança e o desejo de transpor barreiras.

A RELAÇÃO COM OS OBJETOS E A RELAÇÃO COM AS PESSOAS

A RELAÇÃO COM AS PESSOAS, com os seres humanos, e a relação com a matéria, com o mundo físico, concreto e palpável, formam aspectos diferentes e complementares das percepções que a criança tem de si e do mundo.

É na relação com o espaço físico (o quarto, o berço, os móveis, o chão), bem como com os objetos que fazem parte de seu ambiente (os brinquedos e tudo aquilo que suas mãos podem tocar, transformando em brinquedo), que o bebê pode definir limites e contornos para seu corpo físico.

Vale relembrar a importância da exploração motora a partir do chão. O chão é tão importante quanto o colo. Será preciso preparar o espaço sem perigos e sempre ao alcance de nossos olhos, nossa voz e nossa presença. Arru-

mar um canto no chão da sala ou do quarto onde a criança possa brincar espontaneamente com seus brinquedos, enquanto observa a mãe em suas atividades, compartilhando o mesmo ambiente com ela, pode ser uma rica experiência. Mais uma vez insisto que filmes, desenhos e DVDs são bem-vindos, mas não devem ser a única opção de entreter a criança.

Podemos fazer uma distinção entre a relação com a matéria e a relação com as pessoas. Na relação com as pessoas, a criança obtém informações subjetivas sobre si. Ela se sente amada ou desamada, acolhida ou abandonada, incentivada ou censurada. São informações fundamentais na constituição de sua personalidade. Suzanne Piret (1975) chamou essas impressões de “sensações existenciais”.

As relações humanas formam um campo de grande interesse para a psicologia, que criou muitas teorias a fim de descrever o funcionamento dessas relações e das emoções associadas a elas.

No entanto, a relação com o mundo concreto, com a matéria, traz outro tipo de informação: informações objetivas sobre o funcionamento do mundo, sobre as leis do espaço e do tempo às quais temos de nos adaptar (e a que Suzanne Piret denominou “sensações conceituais”). A lei da gravidade é uma delas, e alguns tombos ocorrerão até que a criança seja capaz de adaptar-se a essas leis.

Noções como alto, baixo, duro, mole, profundo, raso, e também o reconhecimento de formas geométricas como redondo, quadrado, com ponta ou sem ponta, de linhas curvas ou retas, entre milhares de outras informações, definirão seus conceitos sobre o espaço.

A cada nova experiência espacial, o bebê se utilizará das anteriores guardadas em sua memória.

Noções sobre o tempo também serão registradas por nosso pequeno explorador, ávido por informações. Lento, rápido, demorado, imediato, tempo de esticar-se, tempo de dobrar-se e ainda noções que relacionam tempo e espaço como longe e perto, que permitem a ele calcular o tempo necessário pa-

ra percorrer determinadas distâncias. Todas essas noções, construídas ao longo dos três primeiros anos de vida e, em especial, no primeiro ano, formarão a base conceitual que ele utilizará pelo resto da vida. É assim que, mais tarde, a criança a partir da idade escolar poderá, com a ajuda de jogos e brincadeiras, experimentar sua coordenação motora. Ela será capaz de calcular o exato momento em que a mão deverá abrir-se e, em seguida, fechar-se para segurar uma bola lançada de longe. É a coordenação entre o olhar, os movimentos dos braços e das mãos e a memória de nossas primeiras experiências gestuais que tornarão a resposta satisfatória, ou não. Essa mesma boa noção espacial e temporal servirá ao estudante para organizar suas lições, bem como para a aquisição da escrita e até do pensamento.

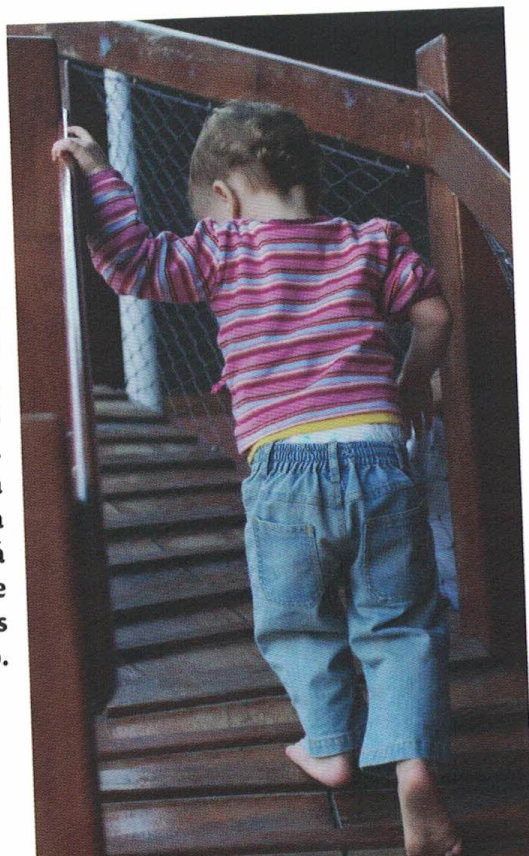
Em meu consultório, tenho recebido crianças em idade escolar com dificuldades de aprendizagem claramente ligadas ao empobrecimento de suas experiências motoras iniciais. Sinto por não tê-las visto antes. **É exatamente aí que defino a diferença entre a ação de educar e a ação terapêutica. A terapia é sempre um resgate de algo que não foi vivido plenamente. Por vezes, esse resgate é rápido, a criança acessa o que ficou para trás e retoma seu processo de evolução; por outras, esse resgate precisa de mais tempo. Ao educar desde o início, temos a chance de construir juntos, com base nas motivações da criança e no respeito por seu ritmo e suas escolhas.**

A RELAÇÃO COM OS OBJETOS E COM O ESPAÇO



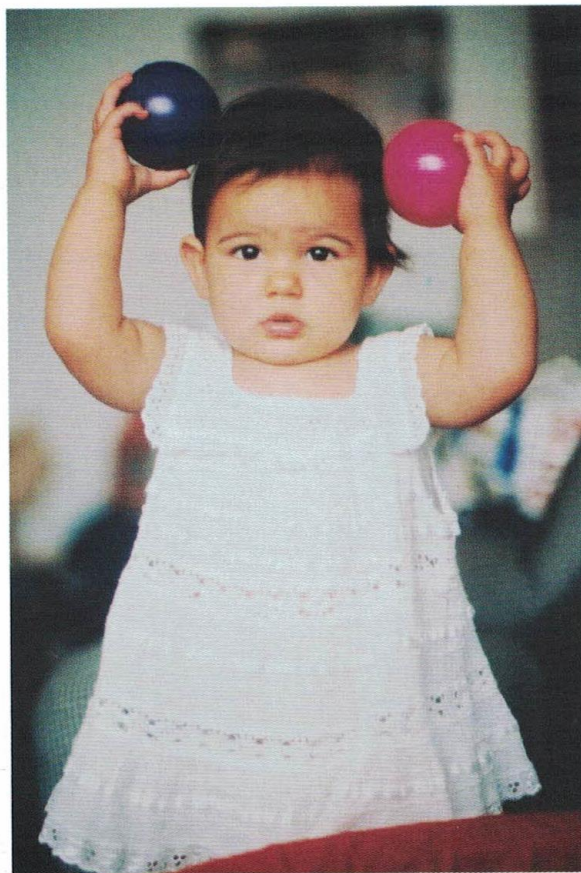
Formas, volumes, peso, profundidade, adaptabilidade da matéria, preenchimento e esvaziamento são algumas das informações obtidas com jogos e brincadeiras.

A criança explora o espaço. Seu corpo tem de se adaptar às diferentes formas, aos obstáculos e às leis da matéria. Por meio da experiência motora, ela será capaz de criar conceitos sobre o mundo.



Com o corpo, a criança reconhece a noção de tempo: o tempo de subir e o tempo de descer.

Ao segurar uma bola, a criança compreende a noção de esfera por oposição a outras formas experimentadas pela mão (cubos, planos, pontas etc.). Ela relacionará essa bola com todas as outras que já explorou. Primeiro, diferenciando-a das outras por cor, textura, tamanho e peso; depois, agrupando-a ao conjunto de todas as esferas.



A RELAÇÃO COM AS PESSOAS

AS SENSACIONES EXISTENCIAIS ocorrem no seio das relações humanas: podem ser sentimentos positivos, como amor, acolhimento, encorajamento, sensação de segurança, de vínculo, de pertencer a uma família, a alguém, e sentimentos negativos, como medo, desamparo, abandono. Constituem os estados interiores, sentimentos de si, que poderão ser descritos pela linguagem dos poetas, das metáforas e dos símbolos: “Sinto-me pleno ou esvaziado, sereno como um fim de tarde ou agitado como um mar revolto”.

São sensações difíceis de explicar, mas permitem a troca de emoções baseada em uma comunicação não-verbal.

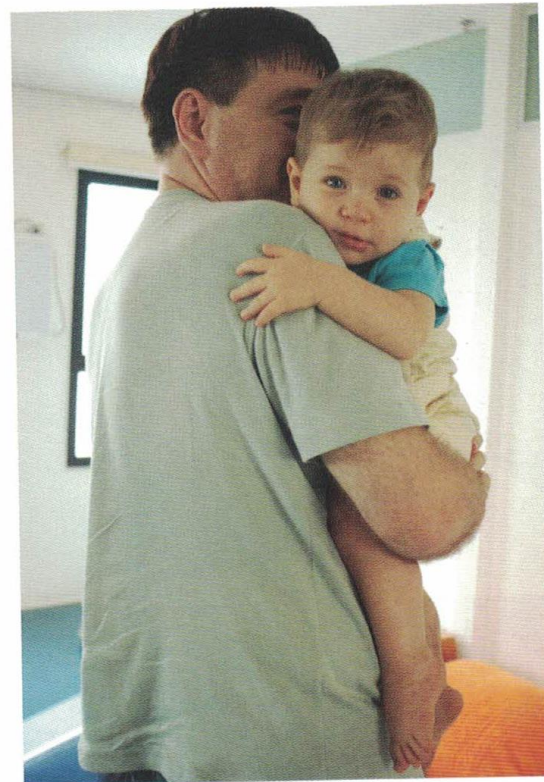
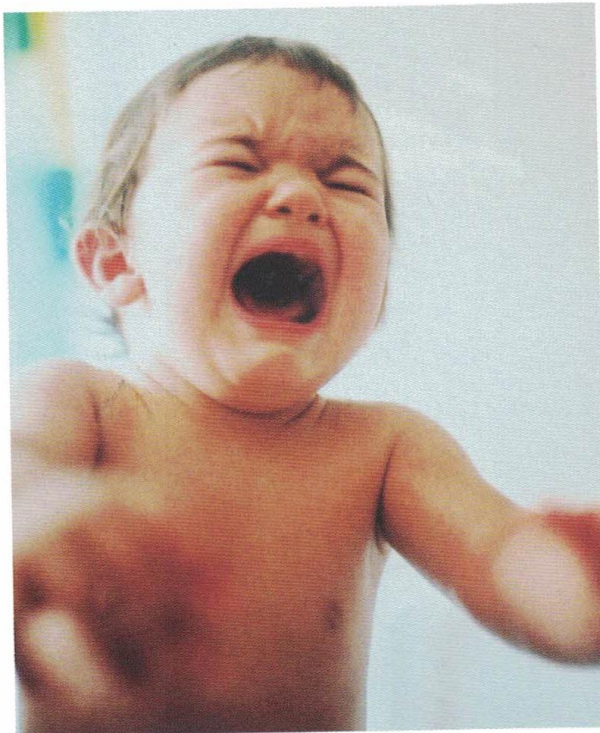
Em alguns momentos, a presença do adulto é capaz de transmitir muito mais do que suas palavras.

Gestos de cuidado, gestos de amor



Um sorriso, um gesto, um abraço.

Nem sempre temos as respostas para todas as questões feitas pelas crianças. Mais do que explicar o mundo somente com palavras, podemos oferecer-lhes nossa presença silenciosa e a cumplicidade de nossos gestos: um abraço tranquilizador, um olhar compreensivo ou um sorriso capaz de “desdramatizar” a situação.



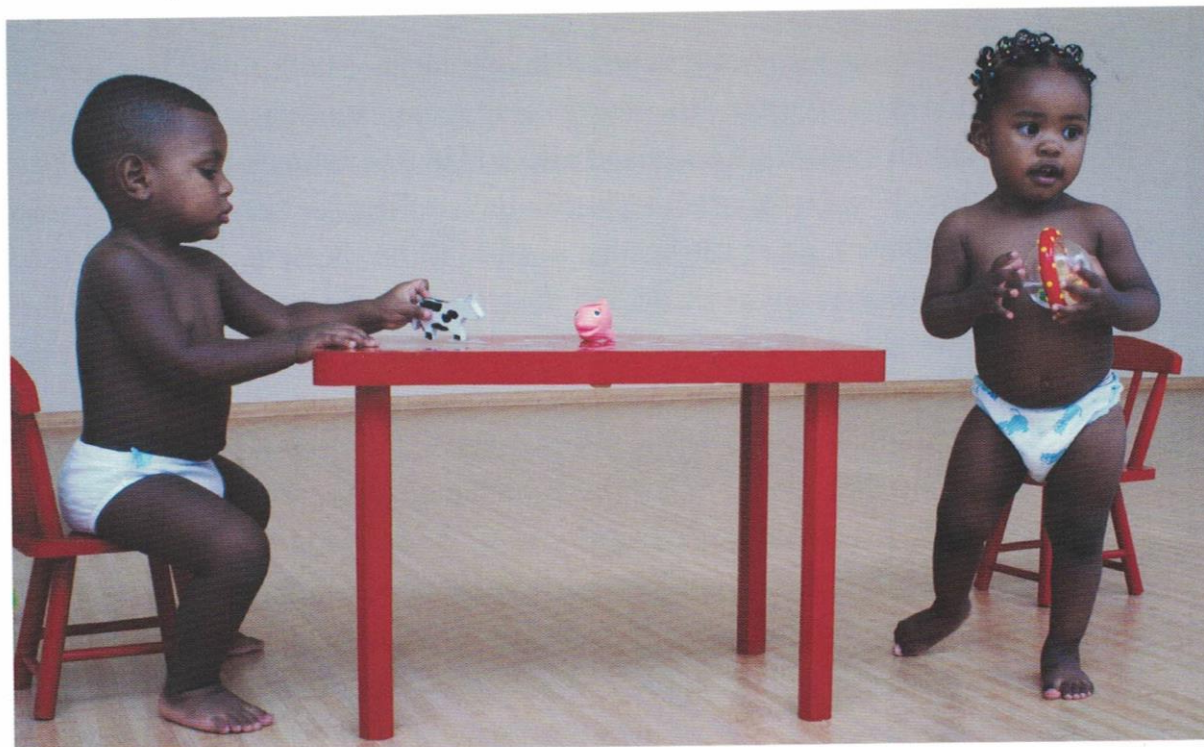
André Trindade

OBJETOS DE AFETO

Os OBJETOS ganham vida e qualidades humanas. A criança lhes atribui afetos e significações. O paninho inseparável, o amigo urso ou a boneca preferida muitas vezes tornam-se insubstituíveis. É brincando que a criança elabora seus sentimentos e emoções.



A CRIANÇA, O OBJETO E O MUNDO DA IMAGINAÇÃO



Sentado, o menino experimenta o apoio de sua bacia na cadeira, os pés em contato com o chão, o tronco e a coluna vertebral em equilíbrio. Os braços bem posicionados permitem a exploração das mãos na frente do olhar. O estado de concentração não é um estado “fora do corpo”; ao contrário, é um estado de presença e de seleção de estímulos que permite o bem-estar e garante à imaginação a possibilidade de entrar no mundo da fantasia – na fazenda com a vaquinha e tudo aquilo que ele pode conceber. A menina parte para o deslocamento. Ela quer compartilhar suas descobertas sobre o objeto com alguém. Passa da posição sentada à de pé e gira o corpo em direção à mãe. Ritmo e sinuosidade estão presentes nessa atitude. Ela também está concentrada em sua ação.

ANDAR, FALAR E PENSAR

DOS PRIMEIROS MOVIMENTOS reflexos e involuntários, vividos pelo feto ao longo da vida intra-uterina, até o controle de seus gestos, passando por etapas do desenvolvimento até a aquisição do andar, por volta do final de seu primeiro ano de vida, “a criança passará da condição de sentir-se um corpo vivo e pulsante para sentir-se uma pessoa” (Piret; Béziers, 1971).

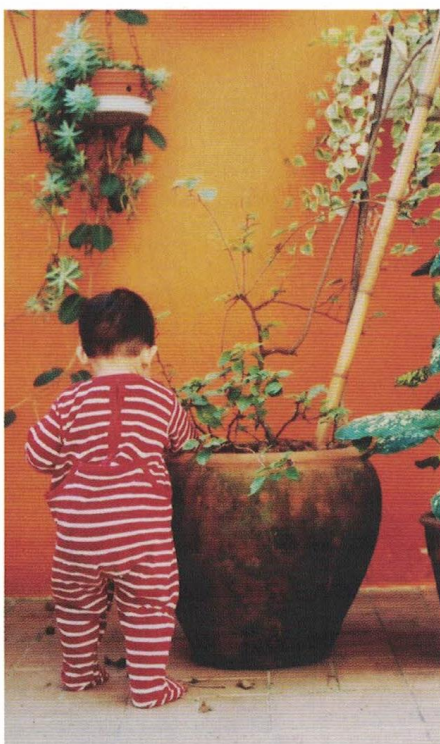
Serão necessários cerca de 365 dias, ou seja, um giro completo da Terra em torno do Sol, para que esse pequeno humano se coloque sobre as próprias pernas e pés e caminhe ereto, explorando o mundo com as mãos: “Uma pessoinha!!”

Essa idéia de que o primeiro ciclo humano tenha correspondência aproximada com o ciclo do nosso planeta em torno do Sol faz parte das observações do médico pediatra Karl Konig (1902-1966) e pode representar uma me-

ra coincidência. Entretanto, pode querer dizer também que a pulsação e o ritmo de nossa vida estão conectados com o universo em que vivemos.

Konig, que por sua vez baseia-se no pensamento de Rudolf Steiner (1861-1925), criador da medicina e pedagogia antroposóficas, apresenta os três primeiros anos da criança de uma forma que parece fazer bastante sentido com o que observo atualmente.

Conforme seu ponto de vista, o primeiro ano é principalmente dedicado ao desenvolvimento da motricidade: desde a coordenação dos músculos que controlam o globo ocular e nos possibilitam a visão do mundo até o controle da cabeça, dos braços, das mãos, do arrastar-se, do rolar, da capacidade de sentar-se, seguidos pelo deslocamento no engatinhar e culminando com a posição vertical e o andar.



O segundo ano tem como tônica o desenvolvimento da fala e o aprendizado da língua materna. Konig divide esse aprendizado em três etapas. Na primeira, a criança fala de seus desejos e necessidades: “Qué, dá, água, mimi, mamã”. Na segunda, ela passa a denominar o mundo, e isso está ligado ao que ela escuta e busca reproduzir. É o momento no qual ela quer saber e falar o nome de todas as coisas. A terceira é a de construção da conversa, em que a criança é capaz de expressar seus desejos e necessidades e, ao mesmo tempo, ouvir e refletir sobre o significado do que lhe é dito.

O terceiro ano de vida será o do pensamento. A criança já domina os movimentos, conhece a língua e passa a perceber a interligação entre as coisas. No final desse ano, ela vai referir-se a si mesma como “eu”.

Antes de prosseguir, é preciso dizer que essa não se trata de uma forma absoluta de ver o desenvolvimento da primeira infância. Embora muitos estudos possam apresentar outras visões e discordar de alguns pontos de vista, no geral essa é uma boa maneira de compreender os três primeiros anos da criança. A motricidade, a fala e o pensamento são realmente metas observadas por quase todos os autores de desenvolvimento para o ciclo do nascimento aos 3 anos.

Isso facilita enormemente o olhar dos pais. Mas atenção: novamente não devemos utilizar essas informações para colocar nossas crianças correndo atrás de tabelas de tempo e competências. Cada criança tem seu ritmo para alcançar as diferentes etapas. O correto é que as conquistas não se distanciem, nem se atrasando nem se adiantando demais desses parâmetros.

Não vale a pena tentar fazer seu filho andar ou falar antes da hora, nem evitar que ele cresça. Tudo tem seu tempo e cabe a nós acompanhar as crianças nessa evolução.

Outro aspecto dessa visão é o fato de que a tônica de cada ano não é exclusiva de que esses processos ocorrem simultaneamente.

Em seu primeiro ano, a criança é capaz de emitir sons e até conhecer palavras, mas seu grande trabalho deve ser desenvolver-se motoramente. É mais

grave nesse momento pular a etapa do engatinhar, por exemplo, do que passar o primeiro ano sem conhecer muitas palavras.

O mesmo acontece no segundo ano: o desenvolvimento motor continuará em franca evolução, ao passo que a fala se desenvolverá apoiada na motricidade, por meio da coordenação dos músculos da língua e da laringe. Até mesmo o pensamento vai revelar-se à medida que a criança conhecer e utilizar a língua materna.

No entanto, é ao longo do segundo ano que ela poderá “saborear” as palavras presentes nas histórias contadas, nas conversas – é aí que podemos ajudá-la a conhecer o nome das coisas.

No curso do terceiro ano, o pensamento ocorrerá junto com a elaboração da linguagem falada, da gramática e da conquista de um gesto harmonioso, mais delicado e capaz de controle. Aí funcionam os contos infantis, a troca de idéias, a escuta e, por parte do adulto, as atividades que permitam às crianças tirar suas próprias conclusões sobre o mundo.

Nesse momento, precisamos tomar o cuidado de acolher o pensamento infantil. Muitas vezes, as idéias das crianças não correspondem à realidade do mundo. E não é necessário confrontá-las com os fatos concretos o tempo todo; elas terão a vida inteira para amadurecer os pensamentos e adequá-los à realidade.

Essa é apenas uma etapa, e devemos conduzi-la com bom humor e compreensão.

A descoberta da ligação lógica entre as coisas por meio do pensamento é o grande prazer da criança. Também é preciso ter cuidado para não antecipar todas as respostas, inibindo sua capacidade de entendê-las por si só.

Quis trazer para o leitor uma visão global sobre as bases do desenvolvimento infantil nos três primeiros anos de vida da criança.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ROTINA

ORGANIZAR UMA ROTINA PREVISÍVEL para o bebê permite a ele estabelecer parâmetros para os acontecimentos de sua vida.

A mãe fica feliz ao ver seu bebê funcionando como um “reloginho”. Infelizmente, nem sempre isso acontece. É comum que a rotina de cuidados se desorganize de tempos em tempos, seja por algum mal-estar da criança, seja por alguma mudança na vida familiar. Nesses casos, pouco a pouco, retomamos com a criança a rotina que esteve fora de compasso.

Acredito que a desorganização faça parte do ciclo de evolução e crescimento. A criança se desorganiza para poder se reorganizar. É assim que ela aprende, é assim que ela cresce e assim que fica mais forte.

Tenho visto alguns excessos de cuidadores bastante rígidos com horários de mamadas, banho, sono etc.

A rotina excessivamente rígida pode criar um ritmo alheio ao ritmo biológico da criança. Os bebês mais regulares em suas necessidades chegam a adaptar-se à rotina imposta pelo adulto, mas nem todos o fazem dessa maneira. Ademais, esses horários podem privar os pequenos do convívio familiar. Será que vale a pena, uma vez que a presença humana é tão importante?

O ambiente também deve ter algo de **constante**. Alguém já se imaginou acordando cada dia em um quarto diferente, em outra cama? Quem já não viveu a experiência de, ao despertar, perguntar-se: “Onde estou?”

A criança reconhece seu quarto, seu berço, seus objetos e brinquedos. Mais tarde, reconhecerá como suas também as roupas que veste. As crianças estabelecem vínculos com os objetos e com o espaço (quarto, banheiro etc.). Isso não quer dizer que devemos agir rigidamente em relação ao ambiente. Podemos, de tempos em tempos, mudar os móveis de lugar; contudo, a idéia de redecorar o quarto inteiro do bebê, imaginando que ele possa estar enjoado da decoração, parece algo sem sentido. Ele precisa da constância de referências.

Levar o bebê em viagens também é possível, desde que o médico tenha liberado o pequeno para tal. A mudança de ambiente pode ser uma experiência rica; basta pensarmos na quantidade de povos nômades que criam seus filhos de maneira saudável.

Acredito que, no primeiro ano de vida, a principal referência ambiental para a criança seja o colo dos pais. Se essa referência está garantida, então podemos girar o mundo.

Uma dica para viagens é levar alguns objetos de apego da criança. Um paninho, o travesseiro, um brinquedo etc.

No que diz respeito aos brinquedos (infelizmente, para as lojas especializadas), os bebês não precisam de tantos deles, nem de objetos muito sofisticados. Também não é necessário trocá-los constantemente. As crianças gostam de entreter-se com os mesmos brinquedos e as mesmas brincadeiras repetidas vezes. O brincar é cheio de significado – falamos de apenas alguns desses significados ao longo deste livro, mas penso que eles sejam inesgotáveis.

Ao brincar, a criança recria situações, sensações e emoções. A repetição dessas experiências permite a incorporação daquilo que foi recriado no jogo. Um brinquedo só será deixado de lado quando a experiência que ele é capaz de reproduzir tiver sido vivida plenamente pela criança. É nesse momento que ela faz a passagem para novos desafios e novas brincadeiras, escolhendo outro objeto que desperte seu interesse e afeto.

Um mesmo objeto pode provocar diferentes emoções e permitir à criança expressá-las, aprendendo a diferenciar seus sentimentos. “Brinco sempre com este urso: em um dia, bato nele; no outro, dou um abraço.”

As crianças não se apegam apenas às pessoas. Elas se apegam também aos objetos, e sentem muito quando são privadas deles.

Há crianças e mesmo bebês que se interessam pelos objetos, mas não se atêm a eles. Passam de um objeto ao outro e rapidamente se desinteressam. São crianças curiosas, sempre em busca de novos desafios. Isso pode querer dizer algo sobre seu temperamento; porém, a oportunidade de permanecer

mais tempo em cada situação pode depender da ajuda do adulto. Em vez de correr atrás do bebê (principalmente quando ele é capaz de engatinhar), oferecendo mais e mais novos estímulos, podemos diminuir o número de brinquedos e sentar com ele em um canto para que ele aprenda o prazer de aprofundar-se em uma mesma experiência. Brincar também se aprende.

Quando a criança é capaz de mover-se engatinhando ou andando, encontra um enorme prazer em se deslocar pelo espaço, o que diminui sua capacidade de manter a atenção em um único objeto. A exploração do espaço será sua grande meta e prazer.

Em relação à presença humana, a questão do apego é mais intensa; até porque controlar e dominar o objeto é mais fácil do que fazê-lo com um adulto, que tem autonomia e pode sair e entrar da vida do bebê na hora que quiser.

Sem dúvida, a constância da presença humana constitui um elemento fundamental na formação do indivíduo. A coerência no cerne de uma relação estabelecida entre o adulto e a criança permite a troca de afetos, o aproveitamento do vínculo amoroso e a edificação de um estado de segurança e bem-estar.

A inconstância é algo difícil para a criança. “Quem vem me buscar na creche hoje? Será que alguém vem?”

Uma criança pode sentir profundamente a troca de um cuidador. Isso não quer dizer que nunca poderemos trocar a babá, por exemplo. Nesse momento, o importante é garantirmos nossa presença e ficarmos com a criança até que o vínculo de segurança e afeto tenha condições de se restabelecer com uma nova figura.

A escolha de um cuidador deve ser feita com atenção. Como cuidadores, é preciso que tenhamos algum equilíbrio mental e emocional a fim de transmitirmos segurança e confiança ao bebê.

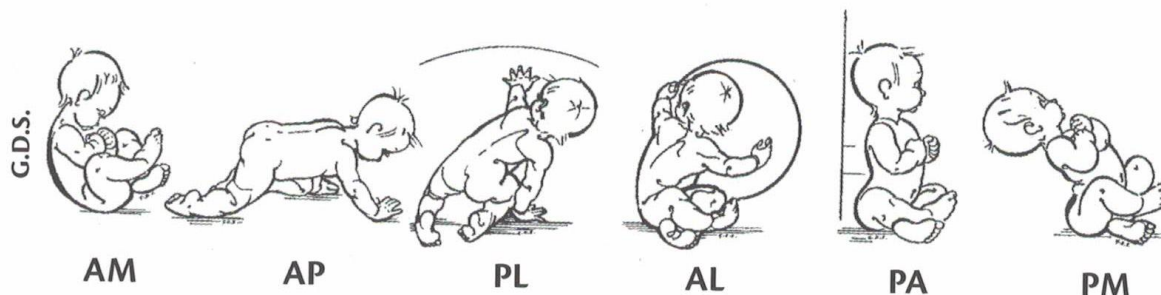




V • AS LINGUAGENS DO CORPO

Neste bloco, tratarei das linguagens expressivas da criança maior. Vou me utilizar de um sistema de observação do movimento e do gesto infantil, com base nos desenhos e observações do método G.D.S.

UM ALFABETO COM SEIS “LETRAS”



O MÉTODO G.D.S. descreve seis atitudes que compõem a base de combinações sobre a qual a linguagem do corpo vai se construir.

Essas atitudes são designadas por abreviações (AM, PM, PL etc.), como veremos a seguir.

Cada uma dessas abreviações tem relação com um grupo de músculos, uma cadeia muscular e, ao mesmo tempo, com uma estrutura comportamental ligada a sentimentos e ações.

As seis atitudes corporais estarão relacionadas a diferentes noções, sensações e símbolos, podendo evocar diversas atmosferas. Elas formam “temas” sobre os quais podemos fazer inúmeras associações.

O conhecimento desses temas permite o acompanhamento do bebê, da criança e do adolescente – e mesmo do adulto – em seu processo de evolução.

AM

A ABREVIÇÃO AM quer dizer Anterior Mediana e se refere ao grupo muscular que recobre a parte da frente do tronco. A ação dos músculos situados em torno do estômago se propaga para os braços e para as pernas, formando a Cadeia Muscular e Articular Anterior Mediana.

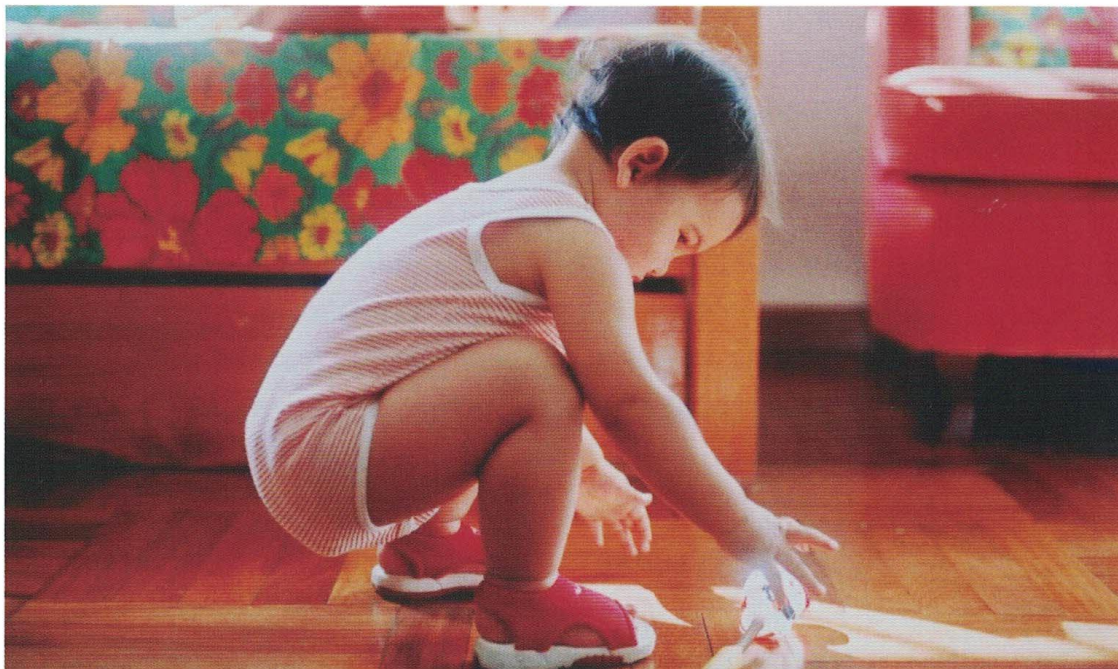
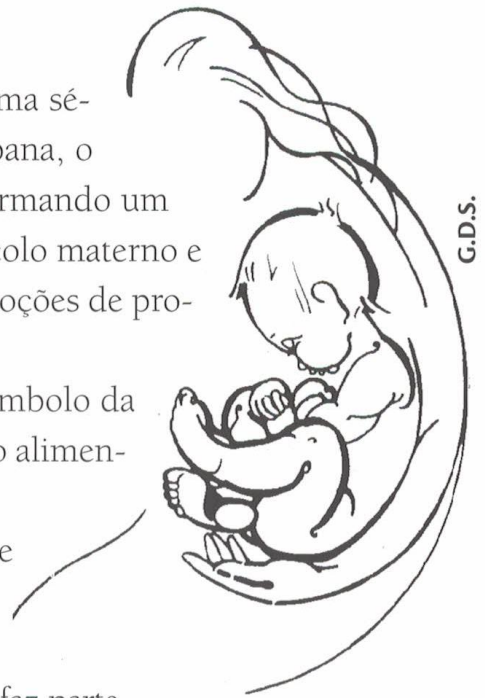
A atitude AM é a do agrupamento em torno da musculatura anterior, da flexão presente ao longo da vida, em especial no ciclo de vida do bebê.

O tema da AM pode ser evocado com base em uma série de imagens e objetos: o ninho, o ovo, a toca, a cabana, o pequeno animal de estimação, o berço, travesseiros formando um ambiente aconchegante, uma lareira, a casa da avó, o colo materno e todas as imagens capazes de suscitar sentimentos e emoções de proteção, acolhimento e ambiente materno.

A AM é representada pelo símbolo da mãe. É o símbolo da terra, fértil, capaz de acolher a semente. É o símbolo do alimento, do pão e também daquele que produz o alimento.

Na atitude AM, podemos observar a capacidade de “centrar-se”, de existir em um corpo. A criança em sintonia com essa atitude é muito ligada às próprias necessidades corporais: sono, fome, sede. O prazer de comer faz parte desse tema, e as aulas de culinária vão lhe interessar profundamente.

Voltada para si, essa atitude proporciona grande presença no próprio corpo, embora não necessariamente dirigida ao esporte e à competição.



No tema da AM, o corpo é lugar de contato físico, colo, massagem. O tato é seu principal sentido.

A atitude AM prefere a vida protegida no seio de relações amorosas e familiares aos ambientes sociais, o que pode dificultar a ida à escola e a adaptação ao ambiente de socialização. Uma criança sintonizada com essa atitude pode ter bons amigos e ser muito querida, mas seu objetivo não é ser “popular”.

A atitude AM é receptiva, tem interesse nas relações e se apega às coisas e às pessoas, podendo tornar-se possessiva e ciumenta. Por vezes a criança demonstra enorme dificuldade em se desfazer de seus brinquedos antigos – torna-se uma colecionadora. Pode ter dificuldade em compartilhar seus brinquedos com outras crianças.

Quando o pequeno pede um animalzinho de estimação, trata-se de um pedido afetivo. O adulto logo pensa nas questões práticas e no trabalho que o animal pode dar. No entanto, para a criança, esse pedido diz respeito ao desejo de viver a troca “instintiva” de afeto e o vínculo.

O mesmo acontece quando a criança precisa de carinho e da presença da mãe para um “cafuné” ou um “carinho de unha”.

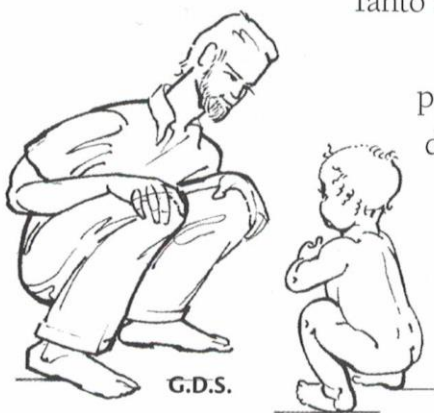
A criança sintonizada com a atitude AM sofrerá profundamente a dissolução da família, a separação dos pais ou a morte de um ente querido.

Outra questão de máxima importância no tema AM é a própria origem: “De onde vim? Quem foram meus antepassados? Quais são minhas raízes? De qual cultura faço parte?” Trata-se da busca da própria identidade.

Tanto interesse sobre si pode tornar-se egoísmo e egocentrismo.

Na atividade AM, a pessoa tem noção da vida e de sua preservação. Corre poucos riscos. É zelosa pela saúde e pode até se tornar hipocondríaca.

Finalmente, não se trata de julgar se queremos ou não essas atitudes para nossos filhos. Essa classificação serve para colocar o adulto em sintonia com as possíveis necessidades da criança, expressas por suas atitudes e seus gestos.



PM

A ABREVIACÃO PM significa Posterior Mediana e concerne ao grupo muscular que recobre a parte de trás do tronco, situada nas costas, e seus prolongamentos para a parte posterior dos braços e das pernas, formando a Cadeia Muscular e Articular Posterior Mediana.

A atitude PM é a de extensão, que coloca o indivíduo voltado para fora, em contato com o mundo exterior.

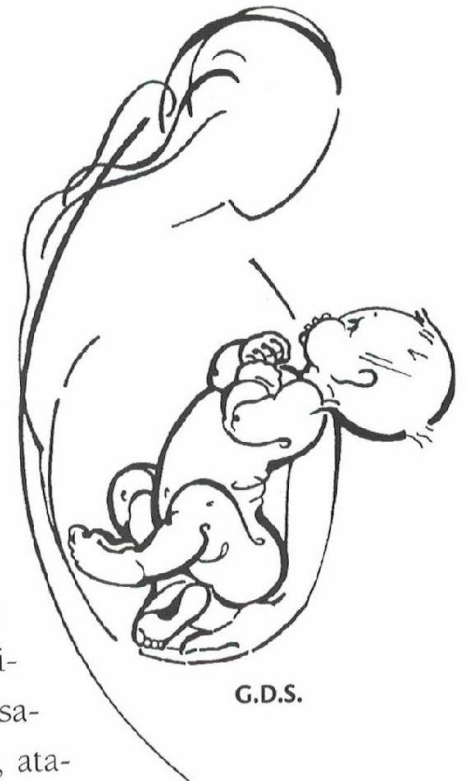
O tema da PM pode ser evocado de acordo com uma série de verbos, indicando a grande importância da “ação” nessa atividade: agir, partir, seguir, avançar, realizar, conquistar, descobrir, romper, conhecer, controlar, saber, fazer, saber fazer, trabalhar, dominar, empreender, atacar, combater, guerrear, vencer.

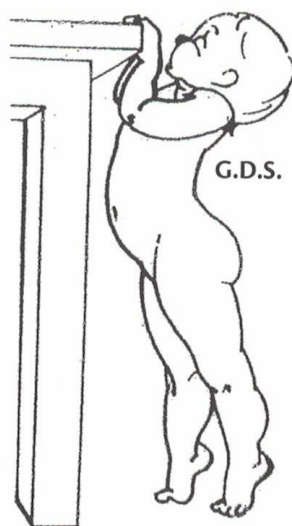
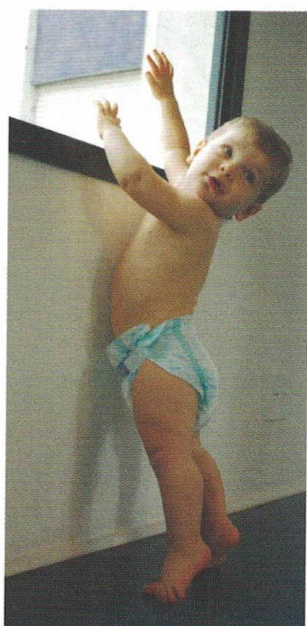
É também o tema da curiosidade, que impulsiona a ação da criança ávida por saber e por conhecer o funcionamento das coisas. A criança sintonizada com a PM será uma exploradora nata, uma aventureira que se lança para fora do campo fechado da família, em direção ao desconhecido a fim de conhecê-lo. O pensamento é seu instrumento de “trabalho” e a visão, seu sentido preferencial. Em PM, a criança focaliza, disseca e racionaliza.

Ao ganhar um brinquedo, buscará compreender seu funcionamento, podendo destruí-lo, desmontando-o para entender os mecanismos internos. Depois que o domina, perde o interesse e parte em busca de novos desafios. Seu olhar vira-se na direção do futuro, deixando para trás aquilo que não lhe serve mais.

O desafio é o grande motor de sua ação.

Em relação ao próprio corpo, a atitude PM é de pouca presença nas necessidades orgânicas. Como a atenção está voltada para fora, as necessidades básicas (comer, dormir, sentir sede, frio etc.) podem passar despercebidas.





O corpo em atitude PM é o do esportista competitivo. A criança tem prazer em competir com tudo e todos, principalmente consigo mesma, querendo alcançar cada vez melhores escores. Gosta de jogos que estimulam o raciocínio.

Essa atitude proporciona a força para realizar metas. É o pequeno empreendedor.

A criança em PM quer tornar-se adulta antes da hora. Acelera todas as etapas da evolução: anda rápido (pode andar na ponta dos pés), faz conexões lógicas entre as coisas com propriedade e às vezes aprende a falar rapidamente. Pode falar muito e ter grande dificuldade em escutar.

Impaciente, acha que “já compreendeu tudo sobre um assunto”, não querendo ouvir o desenvolvimento e as conclusões. Arrisca-se a tornar-se superficial e a julgar prematuramente.

O excesso de ação em PM pode dissipar a energia da criança. Descentralizada e estimulada por um meio externo escolar e familiar que está sempre lhe propondo diversas direções, a exploração pode se tornar estéril e a função positiva da ação pode se transformar em agitação sem causa, nervosismo e inquietude.

É preciso um tutor capaz de canalizar o potencial presente nessa atitude.

O senso de responsabilidade e disciplina é estimulado quando há um “chefe” para seguir. Podemos ensinar a criança a colocar sua capacidade de ação e empreendimento a serviço de uma causa ou em favor da família.

Assim, ela se sentirá importante, podendo colaborar com os adultos por meio de seus “serviços” e da realização de tarefas.

Em relação ao conhecimento, será preciso acompanhá-la desde a curiosidade inicial até o final de suas investigações, protegendo-a do excesso de estímulos externos que podem desviá-la de sua meta.



O MOVIMENTO ENTRE DIFERENTES ATITUDES

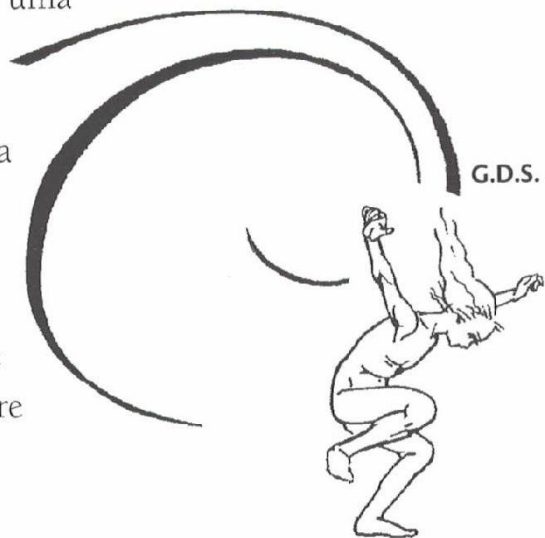
VIMOS COMO ESSAS duas primeiras letras do alfabeto de expressões corporais se desdobram em um campo de atitudes da criança maior, do adolescente e mesmo do adulto.

A idéia não é classificar cada criança em um tipo de atitude. Esses modelos existem e o que vamos observar é quanto o temperamento da criança toma forma por meio de uma ou outra expressão. O importante é que ela tenha liberdade de viver todas as letras do alfabeto do corpo.

A alternância entre uma atitude e outra, com uma possível preferência por uma delas, representa o equilíbrio saudável.

Precisamos ajudar a criança a fazer a passagem de uma atitude à outra ao longo do dia.

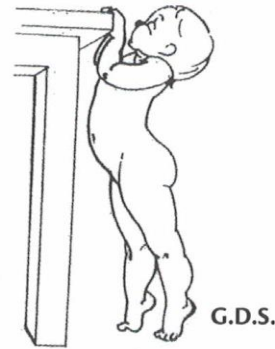
Gosto de dar o exemplo do momento do recreio, do pátio, do intervalo livre que a criança em idade escolar tem entre





**CADEIA MUSCULAR
ANTERIOR MEDIANA (AM)**

- Concentrado;
- voltado para o centro;
- conhecer as necessidades vitais e conquistar o afeto;
- operações de vínculo afetivo;
- capacidade de escutar.



**CADEIA MUSCULAR
POSTERIOR MEDIANA (PM)**

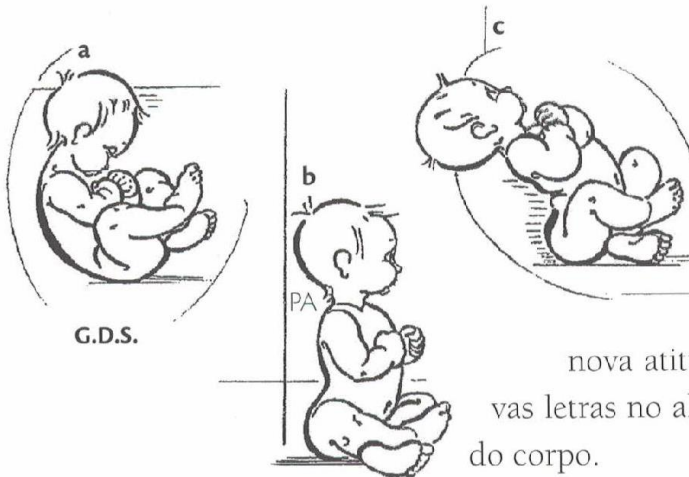
- Descentrado;
- voltado para fora;
- conhecer o mundo exterior;
- operações de raciocínio;
- capacidade de agir.

uma atividade pedagógica e outra: a criança vai para o pátio, expande o corpo, corre em todas as direções, salta, brinca, supera desafios, participa de competições, vibra. No fim desse período, um sinal indica a hora de voltar à sala. A criança entra agitada, senta-se e logo é convidada a participar da aula com uma atitude de escuta, receptividade e concentração. Seu corpo não está preparado para isso; se a professora viesse da mesma experiência de movimento, seu corpo também não estaria preparado para ingressar nessa nova atividade.

Por isso é muito importante criarmos condições e exercícios a fim de passar de uma atitude a outra: tanto da concentração para a descentralização positiva que nos permite agir no mundo quanto o contrário, como no caso do intervalo de recreio descrito anteriormente.

Ao longo do primeiro ano, o bebê experimentará a passagem do enrolamento, apoiado nos músculos flexores, para a posição ereta por meio dos músculos extensores das costas.

SURGE UMA NOVA ATITUDE



No curso do desenvolvimento motor, quando o bebê for capaz de sentar-se sustentando o tronco por conta própria, um novo grupo muscular entrará em ação

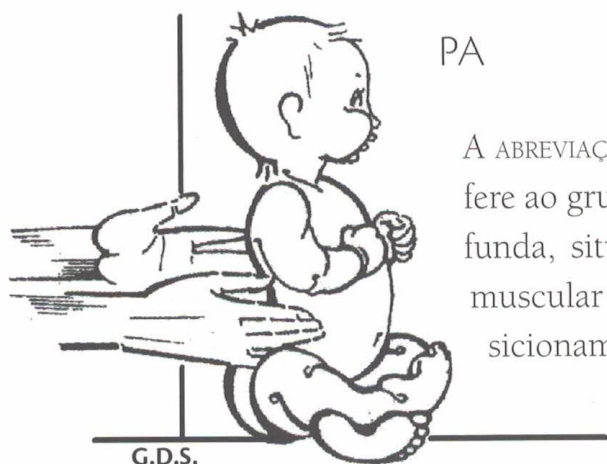
promovendo uma nova atitude, incluindo novas letras no alfabeto expressivo do corpo.

Na figura a, os músculos anteriores (AM) estão em ação, enquanto na figura c são os músculos posteriores (PM).

Na atitude da figura b, o bebê erige a coluna vertebral em torno de um eixo vertical. É a experiência de equilibrar a cabeça sobre o tronco e o tronco sobre a bacia, alinhados em torno da coluna. É a conquista do eixo central do corpo a partir da qual ele poderá definir noções como: frente, trás, em cima, embaixo.

A conquista da verticalidade estará presente na posição de pé. Trata-se de uma ação antigravitária. São músculos que não deixam o corpo se achatar com o peso da gravidade; ao contrário, reagem promovendo um reflexo no sentido do alongamento do eixo vertebral.





PA

A ABREVIACÃO PA quer dizer Posterior Anterior e se refere ao grupo muscular que forma a camada mais profunda, situada junto à coluna vertebral. Esse grupo muscular controla, por meio de finos ajustes, o posicionamento de cada vértebra em relação à outra, conferindo ao eixo seu aspecto vertical.

A atividade PA traz uma nova consciência sobre estar no mundo. Partindo de um novo plano de visão, essa terceira letra do alfabeto do corpo nos fala sobre o equilíbrio justo.

Do ponto de vista físico, toda uma nova sensação corporal se estabelece para o bebê com a aquisição do controle do eixo. Os órgãos do equilíbrio trabalharão a todo vapor a partir desse momento coordenando o sistema vestibular, a propriocepção, a visão com a ação articular e muscular.

Dos pontos de vista psíquico e comportamental, a criança percebe um ponto neutro equidistante entre a ação de expansão e a de recolhimento, entre o pensamento e o sentimento, entre a visão e o tato.

Trata-se da intuição. Em sintonia com essa atitude, a criança percebe o mundo de forma intuitiva. As crianças mais velhas que funcionam nesse tema são capazes de captar, como se tivessem antenas, todas as informações de si e dos outros, deixando-nos muitas vezes desconcertados com seus comentários.

A noção de justiça pode identificar o verdadeiro e o falso na comunicação do adulto. A criança em atitude PA não vive com base nas aparências. Sua inteligência busca as formas ideais, a harmonia, a paz, a justiça entre os homens.

O interesse em Deus, na morte e em temas filosóficos e espirituais surgirá sem que ninguém tenha tratado desses assuntos com a criança.

Viver em sintonia com o tema da intuição, da elevação do eixo e da busca pelo ideal não é muito fácil em nossa vida atual e em nosso mundo

tão cheio de imperfeições. Frequentemente, a criança sintonizada com essa atitude retira-se da realidade, fica ausente, distante, como se estivesse no mundo da Lua, conectada com outras ondas. O mundo virtual, as histórias fantásticas de outras galáxias e as viagens interplanetárias podem ser seus temas favoritos.

Hoje, fala-se muito em crianças da Nova Era, crianças índigo, como um grupo de bebês e crianças que já nascem conectados com os grandes temas da humanidade: a paz, a espiritualidade, a consciência ecológica, a noção de liberdade e de justiça. Acredito que o fato de podermos identificar essas qualidades em determinadas crianças não queira dizer que elas estejam “surgindo”, e sim que só agora conseguimos olhar e enxergar essas qualidades nelas.

A preocupação com o tema PA é a de que o idealismo nos torne intransigentes e rígidos na forma de nos relacionarmos com o mundo e com as outras pessoas. Para isso, precisaremos da próxima letra do alfabeto do corpo, que trará ritmo e maleabilidade à nossa retidão.

AP

A ABREVIACÃO AP significa Anterior Posterior e diz respeito ao grupo muscular responsável por trazer ritmo à verticalidade do homem em pé. Esses músculos agirão sobre a coluna vertebral, criando as curvas saudáveis e fundamentais para o equilíbrio.

Os músculos do grupo AP (psoas, diafragma, escalenos, quadríceps, entre outros) são dinâmicos e conferem aos gestos a qualidade de sinuosidade, ondulação e alternância. Estão presentes na respiração, trabalhando tanto com os músculos da inspiração quanto com os da expiração.



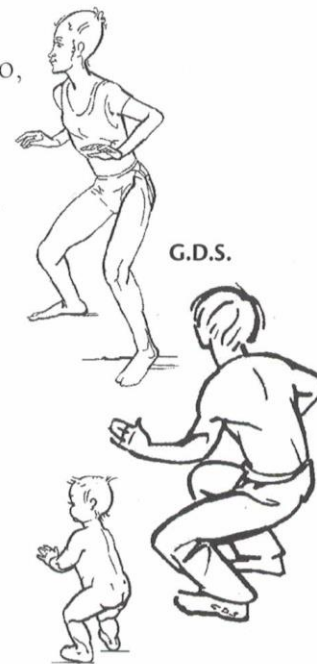


O tema AP é movimento, impulso, molejo, ondulação, curvas e ritmo¹. Essas expressões estão presentes na dança, na capoeira e nos jogos dramáticos do teatro.

É um tema freqüente na vida infantil, pois trata do prazer do movimento. AP é o símbolo da criança que traz alegria e comunicação entre o pai e a mãe, entre o que está à frente e o que está atrás, entre o que está no alto e o que está embaixo. É a diplomacia, a comunicação e a capacidade de contornar os problemas. É a figura do palhaço com sua forma engraçada de ser, que enxuga a lágrima do rosto da criança colocando um sorriso em seu lugar. É a função dos “Doutores da Alegria”, a possibilidade de desdramatizar as situações e encontrar diversão nos lugares menos prováveis.

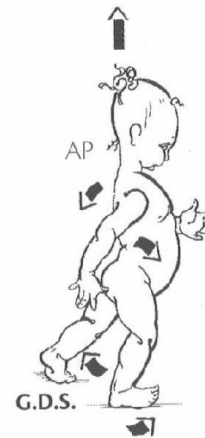
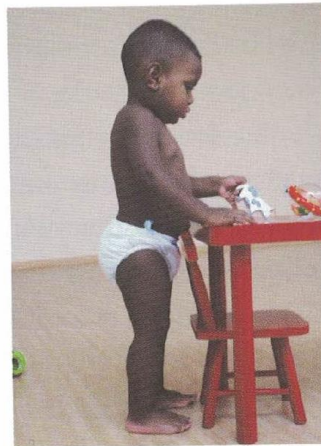
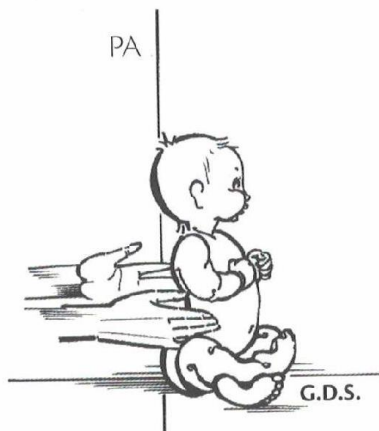
Devemos dançar com as crianças, rolar no chão, contar piadas, dar boas gargalhadas.

Se o adulto não é capaz de descobrir essa possibilidade em seu corpo, a criança vai pouco a pouco se tornar rígida, dura e birrenta.



1 Ritmo: nossa capacidade de nos adaptar às diferentes situações, o que é indispensável para vivermos e nos comunicarmos.

A DUPLA PA/AP



ESSAS DUAS LETRAS do alfabeto do corpo encontram complementaridade em suas funções: tanto nas ações musculares como nas atitudes comportamentais.

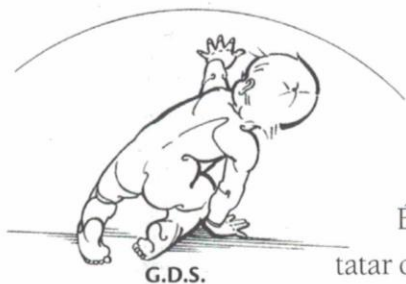
PA e AP representam o equilibrista que consegue manter o eixo, seus ideais, a ética e, ao mesmo tempo, afastar a intransigência, a dureza e a rigidez. Todos nós carregamos na memória a lembrança da criança que fomos. Ao entrar em contato com nossos filhos e alunos, podemos reavivar essa lembrança e até fazer renascer a criança que fomos.

PL

CONFORME VIMOS em capítulos anteriores, PL quer dizer Posterior Lateral e se refere ao grupo muscular situado na lateral da parte posterior do corpo, recobrindo principalmente pernas e braços, mas também o tronco.

Esses músculos se responsabilizam em especial pelos movimentos de rotação dos membros. PL gira as articulações para fora e realiza o trabalho de abrir o corpo, impulsionando-o para fora.

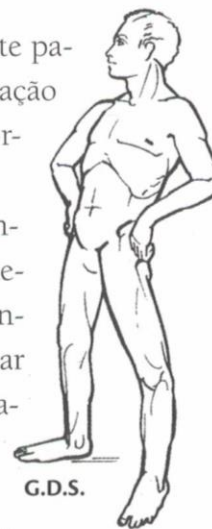
Nos planos comportamental e psíquico, falamos em extroversão e sociabilidade.



PL é dinâmica, parte facilmente para o movimento, para a comunicação com os outros, arriscando a tornar-se dispersa.

É a força que nos faz sair de casa, contactar os amigos, buscar informações, conhecer outros países, desejar aprender outras línguas. Uma criança sintonizada com esse tema vai se interessar por múltiplas atividades e preferir a diversidade ao aprofundamento em um só tema.

Vivida em excesso, essa atitude pode levar a criança a tal estado de agitação física e mental que ela não saberá parar.



AL

AL SIGNIFICA ANTERIOR LATERAL e concerne ao grupo muscular situado na lateral da parte anterior do corpo, recobrendo principalmente os braços e as pernas, bem como o tronco.

Esses músculos são responsáveis pela rotação interna das articulações.

AL roda as articulações para dentro, no movimento de fechar-se.

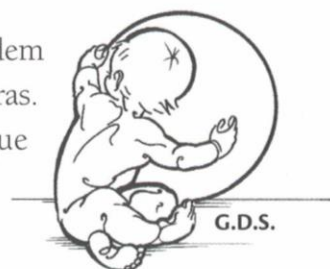
Nos planos comportamental e psíquico, falamos em introversão, em recolhimento e retenção.

O tema AL é o da proteção e do fechamento. É também o tema da timidez.

AL possibilita a análise das situações, o aprofundamento em determinado assunto, a organização do espaço e do tempo.

A criança em AL é discreta, gosta de colocar ordem nas coisas, agrupa seus brinquedos, gosta das miniaturas.

Pode ser uma atitude de defesa positiva, que protege a criança de situações perigosas.



AL/PL

É IMPORTANTE OBSERVAR que não podemos julgar cada atividade como boa ou ruim. Vivemos em um país latino-americano no qual uma criança tímida certamente pode gerar preocupações, enquanto outra extrovertida será valorizada por seu comportamento expansivo. Uma criança extrovertida não é necessariamente uma criança equilibrada. A alternância entre as duas atitudes é o que buscamos oferecer aos pequenos. É essencial saber se proteger e se resguardar tanto quanto saber se colocar, se impor e se mostrar.

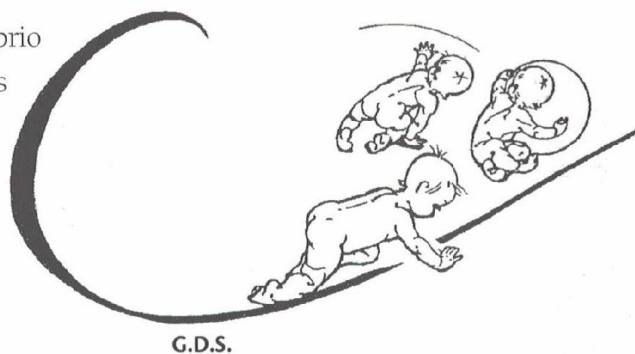
É importante respeitar o temperamento da criança. O que podemos fazer é ajudá-la na alternância.

Mais uma vez, recorremos à dança e ao movimento alternado e ritmado para equilibrar nossa expressão corporal e nosso comportamento.

Rodamos as mãos e os braços para dentro e para fora, seguindo o ritmo de alguma música. Depois, o mesmo com a perna e o pé: dentro e fora, dentro e fora. A criança nos imita.

Ao sentir mais conforto com o próprio corpo, sem dúvida nos sentiremos mais livres em nosso comportamento.

O mesmo vale para a criança.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

DESDE O INÍCIO DESTE LIVRO, meu objetivo tem sido estabelecer a comunicação entre o adulto e a criança por intermédio das linguagens do corpo.

Nós humanos somos seres de comunicação. Temos necessidade de expressar o que sentimos e de trocar com o meio e com os outros nossas opiniões e nossos pontos de vista.

Antes que as palavras possam representar sentimentos e idéias, o corpo será nosso instrumento de comunicação, facilitando ou dificultando o contato com o mundo.

É assim para a criança: inicialmente ela entende a comunicação corporal por meio dos comportamentos e atitudes; só mais tarde poderá descrever com palavras aquilo que viveu com o corpo.

A linguagem do corpo não conhece fronteiras, é universal. É capaz de aproximar opostos e romper as barreiras das diferenças.

Ao longo destas páginas, observamos a presença da pulsação e do movimento das células e dos tecidos, desde a concepção até a formação do embrião. Vimos também os movimentos do feto em suas primeiras semanas, enrolando-se e estendendo o tronco, antes mesmo de estar completamente formado.

Acompanhamos sua primeira grande travessia: deixando a posição e a condição de feto, partindo para o desconhecido, esticando e estendendo o corpo, ganhando o mundo.

Atentamos para a importância de acolher o corpo do bebê junto ao nosso, enrolado, aninhado, protegido; a relevância do olhar, do toque organizador, do contato, da relação afetiva.

Tratamos da diferenciação do bebê em relação à mãe, da importante presença do pai e da busca do bebê por explorar o mundo.

Vimos as posições de bem-estar, em agrupamento e enrolamento, e aquelas de mal-estar, em excesso de extensão.

Descrevi o amadurecimento e o desenvolvimento motor, passando por cada etapa e cada conquista até chegar ao andar e ao correr.

No decorrer desse percurso, encontramos um corpo que sabe dobrar-se sobre si mesmo em um movimento de retorno sobre o centro, ou abrir-se voltando seus sentidos para fora. Com isso, conhecemos duas expressões corporais opostas e complementares.

A primeira é aquela vivida no útero, em posição fetal, de flexão, que predominará nos primeiros meses de vida do bebê. É a posição que permite a ele centrar-se, reconhecer-se e finalmente existir em um corpo sobre o qual terá mais e mais controle.

A segunda é a da saída do útero, da partida, da expansão dos limites, do corpo esticado, voltado para fora, colocando o bebê em contato com o mundo externo.

No início, essas atitudes acontecem de forma reflexa, sem controle, podendo chegar a excessos – como nas posições de mal-estar. No entanto, pouco a pouco, a motricidade vai se tornando voluntária.

O corpo passa então a servir aos desejos, às motivações e necessidades da criança. É assim que verdadeiramente a linguagem se constrói.

Ao desejar participar da movimentação das pessoas em torno do berço, o bebê, com apenas alguns meses, levantará a cabeça do colchão utilizando-se dos músculos posteriores, dos músculos das costas e dos de trás do pescoço. É uma motivação que gera uma ação muscular, que por sua vez constrói uma atitude, um comportamento.

O mesmo acontecerá quando a criança quiser descobrir o que há de tão interessante na mesa em torno da qual os adultos estão sentados: ela estica o corpo, agarra as pernas do adulto, ergue-se e sobe na ponta dos pés para conseguir enxergar e saciar sua curiosidade.

No momento em que estiver cansada, precisando dormir, encontrar conforto e nutrir-se de descanso, seu corpo se aninhará no berço, desligando os sentidos daquilo que acontece fora, enrolando-se para que o sono possa acontecer.

André Trindade

É preciso garantir aos pequenos a alternância dessas atitudes: quando o corpo está bloqueado em uma só postura, extensão ou enrolamento, os desejos e as realizações da criança também ficam aprisionados.

A liberdade do corpo é fundamental para que nós adultos possamos reconhecer o temperamento de nossos filhos e alunos.

À medida que crescemos, nossos desejos e necessidades se transformam. O ser humano não é simples; ao contrário, é complexo desde o início. Pouco a pouco, a criança vai diferenciar suas ações e seus desejos, construindo com o adulto sua personalidade e seus gestos.

Os gestos serão infinitos, mas partirão de uma base, um alfabeto, até construir “palavras” e “frases”.



POSFÁCIO

A HORA DE DEIXAR O NINHO

Godelieve Denys-Struyf

DO TEMA DA CONTENÇÃO, do acolhimento e do contorno (AM), passamos ao tema da necessidade de expandir os limites e encontrar a força para deixar o ninho (PM).

Não é o adulto que empurra a criança para fora do ninho, é a criança que faz força para romper a resistência oferecida pelos pais.

São os pais que devem opor a justa resistência. Se eles não oferecem essa resistência, a criança não terá nada contra o que “empurrar”. Não poderá exercer sua ação de combate.

A figura da mãe é comumente relacionada ao símbolo da terra em sua qualidade de fecundidade. A mãe e a família representam, nesse primeiro momento da infância, “a terra do jardim”, a terra fofa e receptiva que acolhe a semente e faz brotar a planta.

Em um segundo momento, a terra precisa encontrar outra qualidade, tornando-se dura. É a terra batida que faz o caminho da estrada da partida.

O viajante rompe os laços e, se viveu plenamente todo o amor do primeiro momento, poderá carregar consigo, em suas valises, esse sentimento.

Veremos nossas crianças rompendo as ligações e amarras que lhes deram proteção e acolhimento. Elas desejam crescer e romper os limites.

Nós adultos ensinamos aos pequenos a importância de expandir os limites, mas também, pela justa resistência, mostramos a eles até onde podem ir, respeitando os limites dos outros.

Entendemos que, no primeiro momento, devemos dar todo o amor, “mimar” os bebês, porém não sabemos muito bem como lidar com a criança quando ela cresce.

Normalmente, dizemos que, com a criança maior, precisamos impor regras e exercer nossa autoridade – mas que autoridade?

É certo que o processo de socialização, a ida para a escola, não existe sem regras. A criança terá de lidar com isso. Precisarás entender rapidamente que seu perímetro de exploração e expansão crescerá até onde começar a liberdade do outro. A criança terá de aprender valores humanos como respeito, generosidade e cooperação.

O respeito é um valor que deve ser cultivado desde sempre (PA).

Na África, o respeito aos mais velhos é sagrado. É preciso dizer também que respeito se faz por merecer. O adulto não está autorizado a exercer o poder pelo poder, não está isento de mostrar-se como exemplo. Os mais velhos, na África, ganham respeito por se mostrarem sábios. Desejamos encontrar em nossas famílias verdadeiros vovôs e autênticas vovós.

A criança sente, reconhece e “fareja” o verdadeiro e o falso. Ela percebe os artifícios do poder e, por outro lado, a autenticidade da autoridade.

A verdadeira autoridade não suscita a rebelião, pois é justa.



BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, Arminda. *A criança e seus jogos*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- ANZIEU, Didier. *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BÉZIERS, Marie-Madeleine; HUNSINGER, Yva. *J'apprends avec mon bébé: les gestes de la relation et du bien-être*. Paris: Césura Lyon, 1997.
- _____. *O bebê e a coordenação motora: os gestos apropriados para lidar com a criança*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1994.
- BÉZIERS, Marie-Madeleine; PIRET, Suzanne. *A coordenação motora: aspecto mecânico da organização psicomotora do homem*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- COLE, Michael; COLE, Sheila. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- CORRÊA FILHO, Laurista et al. (orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: LGE, 2002.
- CUNHA, Iole da. "A revolução dos bebês". *Revista Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. II, n. 1, 2001.
- DAMÁSIO, Antonio R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DENYS-STRUYF, Godelieve. *Cadeias musculares e articulares: o método G.D.S.* São Paulo: Summus, 1995.
- _____. *Les carnets G.D.S.: accompagner nos enfants et préserver l'enfant en nous*. Bruxelas: Institut des Chaînes Musculaires et des Techniques G.D.S., 2001.
- _____. *Les carnets G.D.S.: le perroquet, la gouvernante et les jumeaux*. Bruxelas: Institut des Chaînes Musculaires et des Techniques G.D.S., 1995.
- _____. *Les chaînes musculaires et articulaires*. Bruxelas: Institut des Chaînes Musculaires et des Techniques G.D.S., 1987.

André Trindade

- FONTANEL, Béatrice; D'HARCOURT, Claire. *Bébés du monde*. Paris: La Martinière, 2006.
- HASELAGER, Willene Ferdinand Gerdus; GONZÁLES, Maria Eunica Quilici. *A identidade pessoal e a teoria da cognição situada e incorporada*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003.
- INSTITUT des Chaînes Musculaires et des Techniques G.D.S. *Cahiers des chaînes G.D.S.*, n. 1, 1985.
- _____. *Cahiers des chaînes G.D.S.*, n. 2, 1986.
- _____. *Fondements de la méthode des chaînes G.D.S.*, s/d.
- _____. *Revue des chaînes G.D.S.*, 1984.
- KONIG, Karl. *Os três primeiros anos da criança: a conquista do andar, do falar e do pensar e o desenvolvimento dos três sentidos superiores*. São Paulo: Antroposófica, 1985.
- LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2005.
- LETT, Didier; MOREL, Marie-France. *Une histoire de l'allaitement*. Paris: La Martinière, 2006.
- OSBORNE, Elsie L. et al. *Seu bebê: orientação psicológica para os pais*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- PIRET, Suzanne. *Du programme inné du corps à la structuration psychomotrice de la personnalité*. Paris: Bibliothèque Nationale, 1975.
- PIRET, Suzanne; BÉZIERS, Marie-Madeleine. *Educatons de la coordination motrice*. 4º trimestre. Paris: Bibliothèque Nationale, 1971.
- PROUSHAN, Cláudia. *Tibet: no coração do Himalaia*. São Paulo: Cláudia Proushan, 2001.
- ROSENBLUTH, Dina et al. *Seu filho de dois anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- ROSENFELD, Israel. *A invenção da memória*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- SHEETS-JOHNSTONE, M. *The primacy of movement*. Amsterdã: John Benjamins, 1999.
- SHORE, Rima. *Repensando o cérebro: novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

Gestos de cuidado, gestos de amor

_____. *Rethinking the brain: new insights into early development*. Nova York: Families and Work Institute, 1997.

STEINER, Rudolf. *Andar, falar, pensar*. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1994.

Gestos de cuidado, gestos de amor trata do desenvolvimento motor e emocional do bebê. O livro está dividido em seis capítulos, escritos numa linguagem acessível e direta, com inúmeras fotos e ilustrações. André Trindade escreve para mães, pais, professores, babás, avós, assistentes sociais, terapeutas corporais e cuidadores em geral.

Criando uma nova perspectiva para o cuidado com a criança, a obra traz orientações e dicas sobre o banho, a amamentação, o colo, o sono, a postura da criança e os gestos do adulto capazes de promover o desenvolvimento do bebê.



ISBN 978-85-323-0378-3



9 788532 303783